

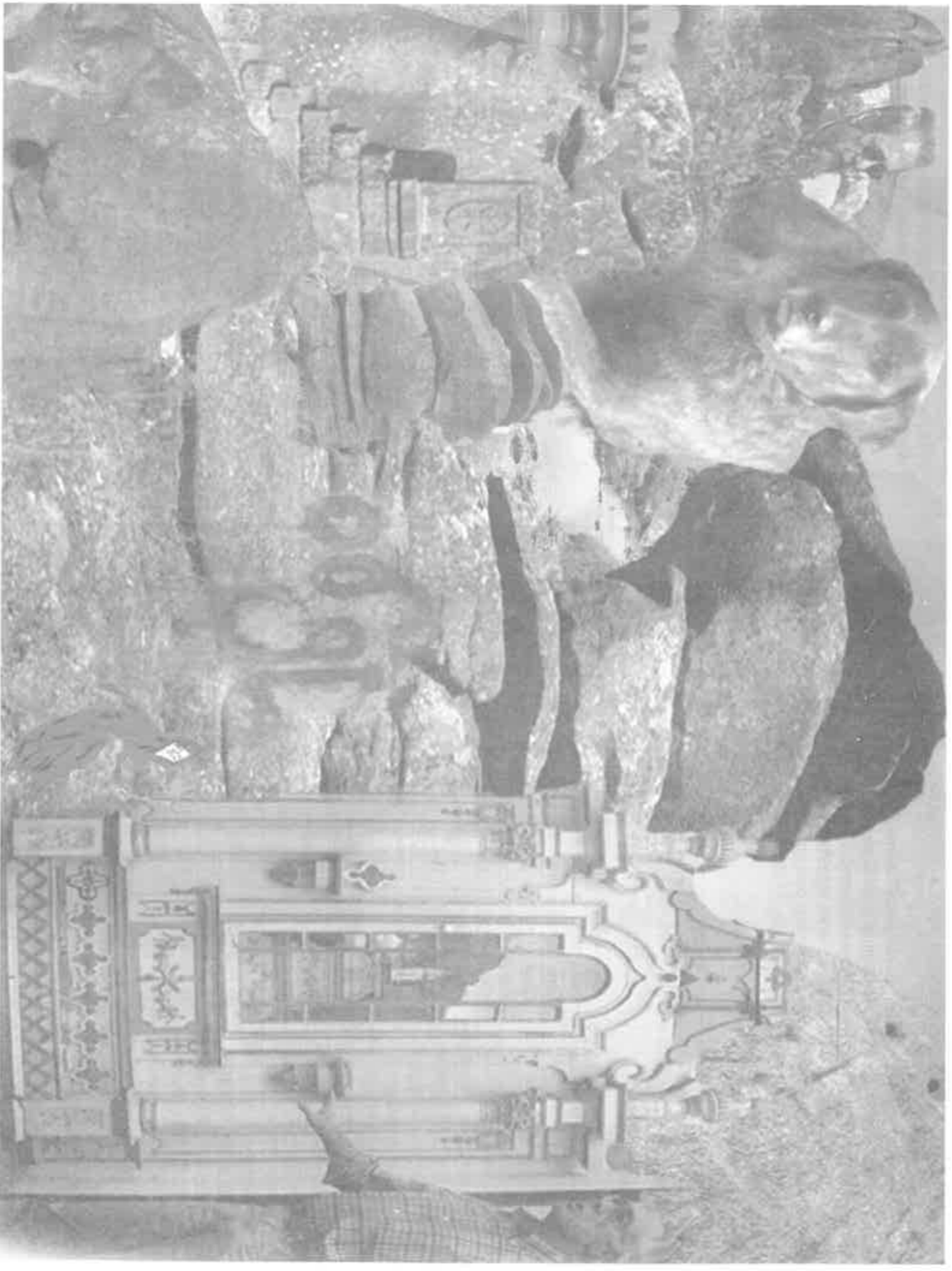
# Porto dos Cavaleiros

Directores: José Domingues e Américo Rodrigues

Castro Laboreiro e Lamas de Moura



Página 16



## Memórias de um Castrejo:

*"Após uma conversa com antigas condiscípulas e vizinhas, no largo da fonte, construída pela população na década de cinquenta."*

Pág. 3

O "Milagre" da Senhora da Ananão: *"Senhora de Ananão, imagem milagrosa que está em hum valle junto da raya meida em hums grandes penhascos"*

Pág. 7

**A M a t a n ç a** *"Na cor- ga, para lavar as tripas cada mulher tem a sua tarefa. É preciso começar por corta-las, depois lavam-se muito bem."*

Pág. 13

**O UNSO IBÉRICO:** *"E eis que agora surge uma notícia de um urso morto em Padrenda, mesmo em frente à freguesia de Fiães, nos limites da raia."*

Pág. 16

# Perigosa desertificação

A desertificação está a alastrar na nossa terra nos últimos anos. A maior parte dos lugares correm sérios riscos de ficar totalmente abandonados. Nos últimos 50 anos a população residente de Castro sofreu uma redução brutal.

A desertificação humana e a degradação da paisagem pela não utilização e má utilização do solo são evidentes. **A partida** das nossas gentes para o estrangeiro e centros urbanos portugueses, à procura de melhores condições de vida, é a causa conhecida de todos.

Nas últimas três décadas, as regiões interiores do país perderam mais de um quarto da sua população. Embora os aumentos das acessibilidades e da mobilidade criem novas oportunidades para os pequenos centros, as transformações em curso no mundo rural e os desequilíbrios nos mercados de trabalho em vastas áreas do continente, prenunciam o reforço da tendência para a continuação do processo de desertificação.

Os nascimentos dentro da freguesia são escassos e a mortalidade, numa população muito envelhecida tem atingido números elevados. Para reflexão de todos, deixamos neste número de jornal, o NOME de todos os falecidos em 2003 e 2004, que todos conhecíamos (e que alguns até já esquecemos sem nos aperceber) para uma breve reflexão e discussão do quanto é grave a situação. Às famílias todo o nosso respeito.

Deixamos a contagem dos nascimentos por Vossa conta.

2003	2004
Oliveiros Rodrigues "Chavarrigas" - Falgueiras	Zulmira Alves da Vila
Manuel Domingues "Calistro" do Ribeiro	Almerinda Rodrigues "Carqueija" do Rodeiro
Maria Esteves "Frade" do Vido	António Pires "da Flor" do Ribeiro
Anibal Rodrigues de Formarigo / Vila - Padre	Amélia Fernandes
Oliveiros Domingues "O grande" do Vido	Palmaria "Crege" da Adofreire
Américo Domingues "das casas novas" da Vila	Ermezinda Alves "Barosa" do Rodeiro
Abílio de Campelo	Maria Esteves de Portelinha
José "Machete" do Rodeiro	Augusto Esteves de Portelinha
Manuel Fernandes "do Carne" - Varzeal Travessa	Angelina Rodrigues "Pintora" da Vila
Manuel de Oliveira "Neca" de Portelinha	Maria Domingues do Ribeiro
Ortelinda de Campelo	Manuel Domingues "Frapa" de Campelo
Aladino Domingues de Portelinha	Umbelina Fernandes "Chavarrigas" de Formarigo
Ermezinda de Queimado	Célia Alves da Vila
Dorinda da Adofreire	José Gonçalves "Bispo" dos Portos
Anibal Barros do Ribeiro	Ávaro Afonso "Graniço"
Albertino Pires "Bragado" da Vila	Amélia Fernandes dos Antões
Maria "Fideira" da Adofreire	Germano Monteiro "Curras" da Seara
Kely de Formarigo (França)	Manuel Afonso de Portelinha
Angelina Enes "Bernarda" das Falgueiras	
Fernando Costa "Serrador" da Vila	
Arnaldo Xavier do Ribeiro	
António Afonso do Vido	
Manuel Afonso do Vido	
Palmaria de Portelinha	
João Raposo do Ribeiro	
António Fernandes "Gato" do Rodeiro	

O Porto dos Cavaleiros agradece ao Armandino "Mugas" da Vila os esclarecimentos prestados para este artigo.

*Américo Rodrigues*

# BREVE BREVE BRÈVE BREVE

"No passado dia 19 de Fevereiro os nossos conterrâneos Franklim Rodrigues e Judite Rodrigues do lugar de Portelinha festejaram as suas Bodas de Prata. As suas filhas Sandra e Isabel desejam-lhe muitas felicidades e que estes sejam só os primeiros 25."

## Reinauguração do forno de Corveira

No passado dia 29 de Dezembro de 2004, foi reinaugurado pela população local o forno comunitário do lugar de Corveira. Depois de uma intervenção profunda por parte da Junta de Freguesia de Castro Laboreiro, este forno, totalmente construído em pedra e com uma estrutura em arcos no seu interior a



suportar a cobertura, foi motivo de convívio e festa no dia em que foi cozida a primeira formada de pão depois das obras efectuadas. Não faltou a típica tenda, chouriça, rojões... e depois de um torneio de sueca o fogo de artifício. Depois de aquecer a formalha durante 24 horas foram cozidos 16 pães repartidos no final pelas famílias. Por momentos o forno teve o seu lugar social de séculos. Estão por isso de parabéns os vizinhos do lugar e em especial os organizadores. Poderemos apenas lamentar o excessivo uso do cimento que cobre uma grande parte da pedra, em especial a cobertura.

por: Sérgio Domingues

**Agradecemos aos nossos estimados assinantes, que ainda o não fizeram, que procedam ao pagamento da assinatura anual.**

## Obras paroquiais na década de 50

Lista de donativos reunidos em França, pelo padre Anibal Rodrigues para a restauração da residência paroquial. Paris, 12-05 a 29-05 de 1957. Os valores são em Francos

José Joaquim Esteves "Mochena"	5.000
António Fernandes de Cubalhão	1.000
Elias Alves	5.000
José Augusto "Morgado"	5.000
Abílio Afonso "Morgado"	5.000
Manuel Fernandes "Recedeiro"	10.000
Armando Esteves de Cubalhão	500
Manuel Afonso de Riba de Mouro	500
Manuel Rego Domingues de Soajo	500
Augusto dos Ramos Conde	5.000
Manuel Esteves das Eiras	5.000
Lourenço Azevedo	5.000
José Fernandes Pontes	3.000
Manuel Esteves "Mochena"	3.000
Anibal Domingues	5.000

**Sede da Junta de Freguesia de Castro Laboreiro**  
Telf.: 251 465 695

**Sede da Junta de Freguesia de Lamas de Mouro**  
Telf.: 251 465 616

**Câmara Municipal de Melgago**  
Telf.: 251 410 100

**Bombeiros Voluntários**  
Telf.: 251 402 599

G.N.R.  
Telf.: 251 402 346

**Centro de Saúde de Melgago**  
Telf.: 251 402 337

**Centro de Saúde de Castro Laboreiro**  
Telf.: 251 465 695

**Correios de Castro Laboreiro**  
Telf.: 251 465 000

O Porto dos Cavaleiros vai publicar na íntegra, conforme o original, nos próximos números, todos os nomes das pessoas (dadores em França em 1957) que contribuíram para as obras realizadas. É de salientar que aparecem algumas pessoas que não são naturais da freguesia.

*Américo Rodrigues*  
Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro

*Publicidade*

**Fumeiro Laboratório**

Edmundo Domingues  
Vila: 4960-031 Castro Laboreiro  
Telf.: 251 465 123 647n. 68 647 65 94  
laboratorio@fumeiro.com

**Albergaria - Restaurante - Cafeteria**

**MIRACASTRO**

4960 - Vila Castro Laboreiro  
Telf.: 251 460 0208  
Fax.: 251 460 029

**Rodeiro Fumeiro Típico e Tradicional**

Rodeiro  
4960- Castro Laboreiro  
Telf.: 251 465 513  
(Res.) 251 465 683

**Supermercados Domingues**

Loja Nova - 4960/558 Melgago  
Telf.: 241 402 419

# MEMÓRIAS DE UM CASTREJO

Por Manuel Domingues (Mouran)

## A RONDA

**Nota do Autor:** Os factos e locais mencionados são reais e fazem parte da vivência do autor. Algumas situações e nomes de pessoas são ficcionados para salvaguarda da respectiva identidade.

Os termos de carácter regional encontram-se em estilo itálico.



*Lugar das Coriscadas – vista actual, de Poente*

Naquela magnífica tarde de Junho o Manuel dirigiu-se ao Lugar das Coriscadas, onde passara cerca de uma década da sua infância. Nesse tempo era um lugar pequeno, cujo número de fogos não atingia uma vintena, situado no alto de uma plataforma desabrigada, com uma altitude acima dos mil metros. Sendo o último dos lugares fixos da margem direita do rio Laboreiro, constituía local de passagem obrigatório para os brandejes dos seis lugares a montante, quando pretendiam deslocar-se à sede da Freguesia ou efectuar as mudanças para as inverneiras.

A encosta virada a nascente apresentava um declive acentuado até ao leito do rio e, a sua natureza rochosa, limitava o aproveitamento agrícola a uma pequena faixa na parte mais alta, junto ao lugar, e a uma leira estreita, aproveitando a água da fonte para cultivar hortas minúsculas, dispostas em socalcos assentes em

Antes do lugar, erguia-se a Capela de N. S<sup>a</sup>. de Monserrate, construída pelo avô paterno em resultado de uma promessa. Em frente, na direção do Nascente, elevava-se a Lagreira, com as leiras e bouças, cheias de urzeiras e giestas, servindo de abastecimento de lenha, para aguentar o longo e rigoroso inverno. A encosta continuava, na

marcar o local onde a procissão de N. Sr.<sup>a</sup> de Monserrate iniciava o caminho de regresso à capela.

O coto da Cruz fora desbastado para aplainar o caminho, alcatroado até ao Rodeiro. A seus pés, começava a ladeira íngreme no fim da qual corria o rio, com o moinho e o passadouro do Porto das Pombas, dando acesso aos prados da costa da Lagreira, e ao lado, entre dois penedos, podia ver o Poço Fundo, onde habitualmente ele e os outros rapazes iam nadar, nos dias escaldantes do Estio. À sua frente estendia-se o vale do rio, prolongando-se até à Vila, com as margens densamente arborizadas.

Volto a atenção novamente para o caminho, já sem os valados e paredes do seu tempo, e veio-lhe à lembrança um episódio ocorrido naquele local, numa noite fria de Março, inundada de luar.

Era segunda-feira de Páscoa e o fim da tarde no terreiro de S. Bento, com o sol a desaparecer rapidamente, ia ficando dominado por um frio seco, de barbear.

O gando regressava ao eido, depois da passagem pelos campos, cujo pasto era fraco, devido aos rigores do inverno. As vacas encaminhavam-se para o tanque, cheio de água limpa, e bebiam calmamente, preparando-se para atacar a manjedoura de erva seca, à sua espera na côrte, para

completar a alimentação. Junto à mina donde saía a água, entretinha-se a observar os animais e a trocar algumas palavras com os pegureiros dos animais ou com algumas mulheres: ou raparigas, apressadas em levar a água destinada a fazer o comer, até aparecer o Joaquim, antigo colega da Escola, perguntando-lhe quando acabavam as férias.

– Tenho de regressar na Quarta – respondeu.

– Então, amanhã à noite, vens connosco à ronda às Falagueiras? – perguntou o amigo, em tom de desafio.

– Não posso. Além de não gostar de bailes, tenho de fazer a mala e levantar-se muito cedo para apanhar a carreira às sete horas da manhã – respondeu.

– Ora. Deixa-te disso, uma vez não são vezes! O baile, embora acabe cedo, pouco interessa. O mais importante é a paródia, até porque vais encontrar antigos companheiros da Escola.

Apesar de hesitante, porque não estava disposto a alterar os seus planos, prometeu pensar no assunto.

Entretanto escureceu e refugiou-se em casa onde a mãe tinha a ceia ao lume, e por volta das sete, enquanto comiam, contou a conversa e quis saber a sua opinião

A mãe, depois de pensar um pouco, chamou-lhe a atenção para o facto de por vezes, nas rondas, os rapazes dos vários lugares se picarem

*(Continua na pág. seguinte)*

<p>Hotel - Restaurante - Discoteca</p> <p><b>Don Pepe</b></p> <p>José gonzález Sousa Isabel Pérez Alvarez</p> <p>Avda. Santa Maria La Real, 141 32860 ESTRIMÓN (Correios) Tel.: 0034 968 934 645 - Fax: 0034 968 934 782 Mobil: 0034 652 369 891</p>	<p>Amabelia Rodrigues &amp; Fernandes, Lda</p> <p>Compra, Venda e Permuta de Apartamentos e Lojas</p> <p>R. Padre Antonio J. Barreiras, N.º16 3.º Esq., 4700 Braga Tlm.: 963012693</p>	<p>Joel Conde &amp; Fernandes, Lda</p> <p>CONSTRUÇÃO CIVIL URBANIZAÇÕES</p> <p>R. do Cairés, 305 1.º Sala 13 4700-206 Braga Tlm.: 914765665</p>	<p><b>CRISTINA</b></p> <p>VILA - CASTRO LABOREIRO</p> <p>Nuno Filipe Fernandes Esteves</p> <p>Contactos: 934 648 129 / 961 049 439</p>
--	--	---	--



(Continuação da pág. anterior)

entre eles e provocarem zaragatas. Mas, por outro lado, referiu-lhe o facto de constar que ele não ligava à mocidade de Castro, porque não acompanhava os outros à ronda. O melhor era falar com o primo e convencê-lo a ir, porque ela ficaria mais descansada. Concordou, e no dia seguinte falou com ele. Inicialmente mostrou-se renitente, alegando que os bailes nas Falagueiras não justificavam uma noiteada de frio, mas perante a insistência acabou por aceder ao seu pedido, e na Terça, por volta das oito da noite, eles os dois, mais o Joaquim e três vizinhos, tomaram o carreiro da Corga da Podre. Durante o trajeto foi uma galhofa pegada, contando episódios pitorescos uns dos outros, até resolverem parar no coto da Cruz, ao cimo do Lugar das Coriscadas, a curta distância das Falagueiras.

A noite, apesar de muito fria, apresentava-se calma e banhada por um luar macio de lua cheia, parecendo dia. Do coto onde estavam sentados abarcava-se todo o Vale do Rio, terminando no morro do Castelo, com a Vila acorçada no sopé. Por detrás do Castelo, envolto numa suave claridade azulada, estendia-se o monte galego do Quinxo.

O silêncio era interrompido por esporádicos uivos de lobos, vindos da encosta da Lagreira, mesmo em frente deles, e pela réplica dos cães. Durante algum tempo entretiveram-se a arremedar os cães, e os lobos calaram-se.

Na ausência de desafio, os fróis guardas de Castro Laboreiro, acabaram também de

ladrar e o silêncio voltou a dominar a paisagem.

No leito do rio, a presa, destinada à retenção da água para mover o moinho pertença da família, reflectia o luar, como um imenso espelho de cristal. Estava tão absorvido por este cenário, que só passado algum tempo se apercebeu de que estava sozinho. Levantou-se e olhou para o caminho, encaixado entre valados dum lado e paredes de barbeitos do outro, mergulhado em silêncio, apenas violado pelo murmúrio da

muitas histórias, mas nenhuma referia qualquer ataque a pessoas.

O receio inicial depressa se esvaiu, ao pensar que os companheiros, e o próximo lugar, estavam muito próximos. Convencido de não existir perigo voltou a sentir-se seguro, e, enquanto caminhavam, ele e os bichos iam-se encarando mutuamente. Entretanto o declive do terreno cessou, ficando ao mesmo nível do caminho, com o valado a ser substituído por uma

porta de uma côrte! Entraram, deram as boas noites e integraram-se no grupo dos rapazes, encostados à parede, num canto, falando alegremente, enquanto no outro, algumas raparigas aguardavam convite para dançar, animando-se com a vinda de mais rondantes.

O chão era em terra batida, e o estrume fora retirado para adubar a sementeira das batatas, a começar em breve. O tocador, empoleirado em cima do carro das vacas, arrumado a uma esquina,



Vale do Rio Laboreiro, visto das Coriscadas

conversa dos seus companheiros, seguindo uns metros à sua frente.

Caminhando vagarosamente, reparou em dois vultos em cima do terreno suportado por um valado, andando lado a lado com ele. Julgou tratar-se de cães e atirou-lhes umas pedras e um “desapareçami”, mas os animais não tiveram qualquer reacção.

Parou para os observar melhor e eles fizeram o mesmo. A curta distância permitiu-lhe identificar claramente dois lobos! Nunca estivera numa situação daquelas, tão perto de lobos, sobre os quais se contavam

parede. Olhou para trás e viu os dois lobos especados, como a despedirem-se dele, sem coragem de avançarem mais em direcção ao lugar, a menos de duzentos metros, e em cuja entrada encontrou os companheiros à sua espera, com a inevitável pergunta sobre o motivo do atraso.

— Fiquei a conversar com uns rondantes conhecidos! — disse com ar brincalhão. Dirigiram-se ao forno, centro de convívio dos mais novos, e onde lhes deram a indicação do local do baile.

Seguiram-na e começaram a ouvir o som apagado da concertina, provindo da

apertava com a concertina, enquanto, no centro, alguns pares arrastavam os pés ao ritmo de um misto de passo doble e de marcha.

A luz bruxuleante emitida por duas candelas a petróleo, juntamente com o aspecto encolhido das raparigas, cheias de frio, criava uma atmosfera mortíça e tristonha. Os rapazes estavam desinteressados de bailar, e as raparigas tinham de dançar umas com as outras, para aquecer os pés. Entretanto uma delas dirigiu-se ao tocador e colocou um lenço na concertina. Este gesto conferia às raparigas o direito de serem elas a convidar os rapazes, na próxima

dança. A prerrogativa era utilizada pelo menos uma vez em cada baile, ou quando os rapazes se desinteressavam durante muito tempo, transformando-o numa pasmaceira. Para algumas seria a primeira dança da noite e o Manuel observava o jogo de dissimulações, para disfarçarem a eventual inclinação por algum rapaz. Convidavam um insuspeito, para evitar falatórios no dia seguinte. Alguns, mais tímidos, aproveitavam para sair, com o pretexto de irem apanhar ar.

A Sara, uma moçoila dessempeirada, encaminhou-se para o grupo e perguntou-lhe se dançava.

A recusa, deles ou das raparigas, naqueles bailes, era impensável, sendo considerada uma ofensa grave, e assim, perante o ar trocista dos amigos do grupo, conhecedores do seu pouco interesse pelo baile, dirigiram-se para o meio da côrte onde alguns dançavam uma marcha.

Após algumas pisadelas conseguiu aceitar o passo e a Sara iniciou a conversa com perguntas sobre a sua vida de estudante, mostrando-se muito espantada quando soube o número de anos de estudo necessários para tirar um curso; uma vida, na sua opinião. Continuaram a falar até ela perguntar se gostava dos bailes, porque nunca o tinha visto por aqueles lados. Justificou-se com o pouco tempo das férias, aproveitando para referir a sua estranheza por aquele se realizar numa côrte. A Sara contou a história.

Os rapazes do lugar, quando elas lhe falaram no baile,

(Continua na pág. seguinte)

Publicidade

<p>Bon do Rio</p> <p>BRAGA</p>	<p>Construção Civil</p> <p>Ponte Pedrinha - Lomar Apartado 2321 - 4700 BRAGA Telef.: 251465329</p>	<p><b>Carnes &amp; Peixes</b></p> <p><b>JAIME LÓPEZ</b></p> <p>Venda Maior e Detalhe</p> <p>Tel.: 0034 639 921 592 / 0034 699 399 388 Terrachán-Entrinco-OURENSE</p>	<p>Abrijo Turístico de Montanha</p> <p><b>Moinhos do poço verde</b></p> <p>Vila, Castro Laboreiro 4960 Melgaco Mínho - Portugal</p> <p>Telef.: 938708005/938855118 Http://www.moinhosverdes.com E-mail:moinhosverdes@hotmail.com</p>
--------------------------------	--	--	--

(Continuação da pág. anterior)

disseram já estarem convidados para um no Rodeiro e por isso não o podiam fazer naquela data. As raparigas insistiram e eles acabaram por confessar estarem mais interessados nos bailes fora.

Com o brio espicagado, as raparigas, em conjunto, decidiram faze-lo mesmo sem eles e por isso convidaram os das Coriscadas e eles, de Vázzea Travessa. Foram pedir uma casa, mas nenhum vizinho se mostrou disposto a cedê-la, por já terem sido avisados pelos rapazes. Colocadas perante o dilema de fazerem vir os moços convidados em vão, resolveram o problema limpando a côrte e os rapazes do lugar acabaram por ter vergonha e ficaram.

Serviui-lhes de lição para se lembrarem de que, em matéria de bailes, mandavam as raparigas, como era da tradição.

A moda chegou ao fim e, perante o bater das palmas das raparigas, o tocador teve de bisar, decidindo tocar a chula, considerada a dança por excelência dos bons bailarores. Não conseguia acertar, mas o Joaquim, apercebendo-se do facto, veio roubar-lhe o par, deixando-o aliviado e livre para regressar ao grupo donde

saiu. A determinada altura a Ermelinda aproximou-se a pedir para se afastarem um pouco, pois queria sentar-se. La namorar com um vizinho. Ficariam sentados lado a lado e se o caso fosse mais sério, poderiam continuar em casa dela.

Quando o baile acabava as raparigas, em grupo, acompanhavam-se umas às outras começando pela da casa mais afastada. Se alguma delas ia namorar, deixava a porta encostada e o rapaz aparecia quando já todos se tivessem retirado

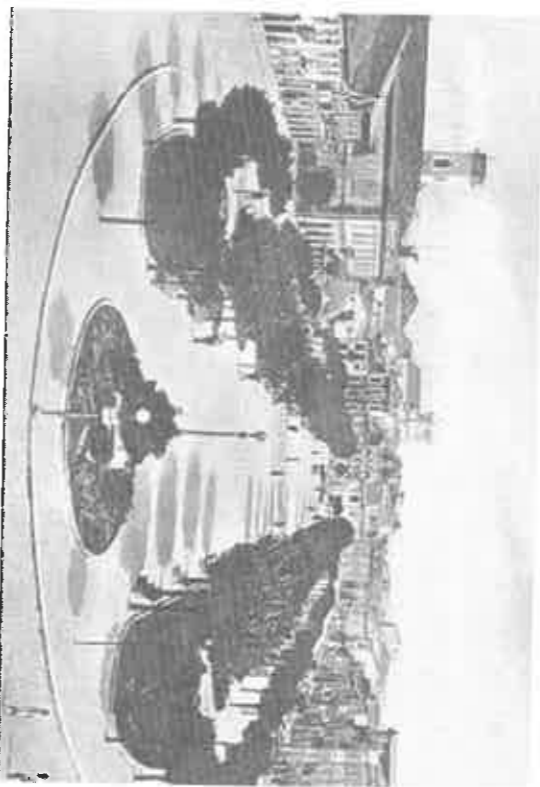
Cerca da meia-noite, com o baile perto do fim, resolveram regressar, arrancando novamente em grupo. A lua estava quase a desaparecer por trás da Fraga da Franqueira e a noite apresentava-se mais fria e escura, com os sítios baixos envolvidos na penumbra.

Chegaram ao terreiro de S. Bento rapidamente e enquanto os outros se despediram, ele, juntamente com o primo e o Joaquim, ficaram a conversar, sobre as incertezas do próximo encontro.

Após a Escola Primária, e até então, era certo encontrarem-se durante as suas férias, mas chegara a altura de a vida dos antigos colegas se modificar. O primo

regressava a França, onde já trabalhava há alguns anos, enquanto o amigo iria tentar a sua sorte, pela primeira vez, juntando-se ao pai e ao irmão mais velho. Depois teria de deixar passar o tempo

regressava a França, onde já trabalhava há alguns anos, enquanto o amigo iria tentar a sua sorte, pela primeira vez, juntando-se ao pai e ao irmão mais velho. Depois teria de deixar passar o tempo



Póvoa - Praça do Almada - 1956 (foto da CMPV)

da tropa e só deveria voltar com o problema resolvido, talvez dentro de três anos, ou mais.

— Nem todos têm a tua cabeça — disse, resignado, para o Manuel.

— Não é só uma questão de capacidade — argumentou o primo do Manuel. É também a vontade e compreensão dos pais, em sacrificarem-se pelo futuro dos filhos!

— Sem dúvida — confirmou o Manuel. É preciso acrescentar a disposição do próprio em passar muitos anos a estudar, o que não era o teu caso, Joaquim, porque ambos sabemos que também foste dos melhores alunos até à quarta classe.

E despediram-se, com um incerto “até quando Deus quiser”.

Na manhã seguinte, às sete horas, apanhou a camioneta para Melgaço, iniciando a viagem de regresso ao terreiro perido, do seu último ano na Póvoa. Em Monção instalou-se no comboio até Famalição, onde deixava a linha do Minho para tomar o ramal da Póvoa. A seguir a Caminha o revisor recomendou-lhe para não se esquecer de mudar de comboio em Viana, porque aquele voltava para trás. Estava cansado e adormeceu até outro revi-

sor o acordar e pedir-lhe o bilhete, o qual lhe estendeu maquinalmente.

O homem olhou-o e perguntou-lhe se ia para a Póvoa, porque aquele comboio se destinava a Monção. En-

atrevia a dar boleia num sítio escuro. Estava mais aliviado, e optou por meter-se a caminhar pela estrada adiante. Se conseguisse boleia, ótimo; senão, em duas horas estaria no Colégio.

Caminhando de costas para o trânsito, e sem parar, não conseguiu boleia, mas cerca das nove horas avistou as luzes da Póvoa e, quinze minutos depois, estava na Praça do Almada, a bater à porta do Colégio, completamente arrasado.

O porteiro muito espantado, porque era hábito vê-lo chegar de férias no comboio das duas da tarde, perguntou-lhe se tinha acontecido alguma coisa. Olhou para ele e acenou negativamente, mas pensou como a primeira ronda tinha sido custosa!

Encostado a uma parede, tentava encontrar a letra onde às vezes ia com a mãe buscar carros de lenha de urzeira. Olhou para o lado e viu um homem da sua idade a olhar para ele, muito espantado.

Reconheceu-o como sendo o Preguiça, seu antigo colega de escola e cumprimentou-o:

— Então Almerindo, que estás a espreitar? Como não lhe deu resposta, e continuava a perscrutá-lo, perguntou: — Não me conheces? O outro acenou com a cabeça negativamente mas passado algum tempo exclamou:

— Oh carago! És o Manuel! Não te esperava aqui. Já passaram muitos anos sem te ver. Se não me engano a última vez foi num baile, aqui nas Falagueiras, por alturas da Páscoa.

— Talvez. Ainda há pouco estava aqui, sozinho, a lembrar essa noite.

Conversaram mais um pouco até o sol chegar à vertical da Franqueira e o vale ficar envolto em sombras, altura em que achou por bem despedir-se, porque naquele dia já tivera a sua dose de recordações.

*[Handwritten signature]*

## Café Bar Disco Pub CASINO

Tu Lugar Preferido de Copas  
RESTAURANTE

C/Cornilho da Igreja nº 4  
Terrachan ENTRINHO  
ORENSE

Telef.: 0034 988 434 914



## Dierum

Educação de Infância, Lda.

Educação de Infância  
dos 0 aos 6 anos

Rua Santa Justa, 29 - 4700 Braga  
Telex: 253 215 891 - Fax (253) 217 540

# Banquetes fúnebres no Lugar de Rouças – Gavieira

A Gavieira é uma das 51 freguesias que compõem o actual concelho de Arcos de Valdevez. Dista aproximadamente 37 km da sede do concelho e tem uma área total aproximada de 57,56 km<sup>2</sup>. Segundo os resultados preliminares dos censos de 2001, a dita freguesia tinha como população presente e residente 447 indivíduos, registando-se um significativo decréscimo populacional, relativamente à população presente e residente em 1991, que era de 552 habitantes. Esta freguesia serrana está encaixada num dos muitos vales em que se fragmenta o maciço montanhoso da Serra do Soajo e está totalmente inserida na área protegida do Parque Nacional Peneda-Gerês (P.N.P.G.). É limitada a Norte por Lamas de Moura e Castro Laboreiro; a Leste, por Entrimo (Galiza); a Sul, por Soajo e, a Oeste, por Cabeiro e Siselo. É formada por cinco núcleos populacionais com um povoamento concentrado. Os lugares que a compõe são os seguintes: Peneda; Beiral; Gavieira; Rouças e Tibo<sup>1</sup>.

Quando morre alguém no lugar de Rouças, era e continua a ser habitual fazer-se um banquete fúnebre, do qual fazem parte todas as pessoas vindas de fora da freguesia – nomeadamente, dos lugares da Várzea, Paradelas Cunhas e Adrão, pertencentes à freguesia do Soajo – que participaram no séquito fúnebre. Esta refeição colectiva, em determinados funerais, podia ascender às oitenta pessoas. Tal como observa Thomas (1991: 118): «O banquete funerário ao qual se associava o defunto, pelo menos simbolicamente, reunia parentes e amigos num acto de comunhão: o facto de se compartilhar a mesa é propício à expressão das pulsões vitais; a abundância de manjares e bebidas significava o desafio

da vida perante a morte; por outro lado, os manjares escotados e a bebida abundante desempenhavam uma indiscutível função catártica». A refeição é confeccionada por um grupo de mulheres que se oferecem ou são convidadas pelos «doridos», mas sempre de favor (ajudam-se mutuamente) e não a troco de qualquer compensação pecuniária. O repasto é constituído por batatas com bacalhau e arroz de bacalhau, acompanhado de vinho e pão. Tudo isto é servido à descrição pelas cozinheiras coadjuvadas pelos «arranjadores». Após o banquete, é habitual todos

aproximarem-se e conversar com as pessoas ou estreitar relações sociais» (Fernandes, 1997: 13); (Cabral, 1989: 251). A comensalidade promove uma forte e expressiva convivialidade em circunstâncias particulares e contribui para a reiteração das relações sociais.

As postas de bacalhau que, por vezes, podem ultrapassar a centena e meia, são colocadas em sacos de rede e depositadas no rio Gingiela (onde ainda corre água limpa) para serem submetidas ao processo de dessalga<sup>2</sup>. A referida refeição decorre normalmente na casa de um dos familiares do defunto e nunca na casa onde o morto foi velado e daí saiu para a sua «última morada».

Apesar deste costume

## Referências bibliográficas

- CABRAL, João de Pina – *Filhos de Adão, filhas de Eva: a visão do mundo camponesa no Alto Minho*. Lisboa: Dom Quixote, 1989. ISBN 972-20-0712-2;
- FERNANDES, António Teixeira – Ritualização da comensalidade. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras do Porto*. Porto. ISSN 0872-3419. Vol. VII, fasc. I (1997), p. 7-30;
- MEDEIROS, Isabel



A Última Ceia

quanto nele participam rezarem em conjunto pela alma do defunto. Na verdade, «A mesa é também usada como meio para se fazer a permuta da estíma social. A honra e o respeito são objecto de permanente transacção no interior das sociedades. Adquire-se estíma convivendo com quem a possui. Existe, de facto consideração recíproca entre aqueles que partilham a mesma mesa. Quanto mais as refeições se fazem em companhia, “mais os comensais se sentem uma família”». O sentar-se à mesa equivale praticamente a ser recebido na família. A refeição em comum tem como objectivo promover a

melhoria das acessibilidades as pessoas deslocavam-se a pé, agora, aquelas que vêm de fora da freguesia recorrem ao automóvel e, deste modo, não sentem necessidade de se demorarem para almoçar, o que contrasta com o que se verificava antes da construção da estrada que liga os concelhos de Arcos de Valdevez a Melgaço e Monção.

O bacalhau é comprado nas mercarias locais ou é levado pelo agente fúnebre, quando leva o caixão. As caixas de bacalhau são encomendadas pelos «arranjadores» que com a anuência dos doridos fazem uma estimativa do eventual número de participantes no funeral.

crianças da cruzada e a quem colaborou na realização das tarefas ligadas ao funeral, a verdade é que ele persiste em Rouças a sua realização nunca esteve em causa. Os habitantes locais, argumentam que se outrora havia maiores dificuldades económicas e nunca deixou de se realizar, não vai ser agora que a maioria das pessoas tem uma vida mais desafogada, que se vai acabar com este costume que ninguém sabe quando se iniciou, mas que asseguraram ser muito antigo. Como tivemos oportunidade de verificar em conversas informais tidas com muitos habitantes do lugar, a maioria deles têm reservadas poupanças destinadas à realização do funeral, cujo custo total pode ascender os 3000 euros<sup>3</sup>.

para o grupo e perguntou-lhe se dançava. A recusa, não sendo con-

ra impenável, sendo con-

apareceu, encaminhou-se

para o grupo e perguntou-lhe se dançava.



# O "Milagre" da Senhora da Ananã

Os pobres não o tem

Os ricos não o dão

*Quem quer assentar praça  
vem à fraga da Ananã*

No âmbito dos Montes Laboreiro, transpondo a portela onde foi colocado um cruzeiro de pedra, aninhada ao fundo de uma garganta amena, ladeada por carvalhos e castanheiros, aparece uma exígua capela de invocação mariana – a capela da Senhora da Ananã – apadrinhada pela sua peregrina vigilante, a colossal e multimilenar fraga da Ananã.

– nos especialistas que, na década de 90, realizaram trabalhos de prospecção nesta necrópole (incompreensivelmente paralisados, deixando tudo ao desleixo) – a suspeita de que a orientação dos dólmenes lhe pudesse estar relacionada. Não faltam, por isso, motivos para acreditar que este local mítico tenha sido eleito para um qualquer vestuário culto pré-cristão. A tentativa do seu extermínio, por parte da ficasse na cavidade era sinal de que casaria ainda esse ano, caso contrário, ficava-lhe a consolação de tentar no ano seguinte. Ao efectuar o arremesso a donzela devia pensar no seu pretendido; quantas terão concretizado o seu anseio? Com certeza, as bastantes para fazer perdurar esta fantasia até aos nossos dias. Em simultâneo com a construção do templo cristão propagou-se a lenda de que a

“Senhora de Ananã, imagem milagrosa que está em hum valle junto da raya meida em huns grandes penhascos onde foy achada no buraco que a natureza obrou em hum monstruoso penedo; dizem a trouxerão por vezes à igreja, mas que outras tantas se tornou, causa de alli lhe fazermos Ermida”

assim com as noticias que deu vierão os moradores daquella Villa a ver e a examinar o que se referia. He tradição que por duas ou três vezes levarão a sagrada Imagem para a sua Parochia e que outras tantas se ausentara della e sempre repetiva o seu antigo domicílio e a concavidade da sua pedra. A vista de tão repetidas fugas entenderão que a Senhora gostava do deserto, pois fugia para elle e dartheão as azas da grande água para voar para elle e nisto mostrava a sua vontade.”

Frei Agostinho de Santa Maria, no Santuário Mariano, de 1712, reserva um título (LXI) à “milagrosa imagem de nossa Senhora de Anunã, no districto da Villa de Castro Laboreyro”, confirmando o coetâneo dito do P.º Carvalho da Costa, de forma mais desenvolvida:

Neste tempo, início do século XVIII, a capela devia ser bastante antiga, já que não se sabia, ao certo, se tinha aparecido a um pastorinho ou pastorinha. Num silhar do lado sul consta a data de 1663, memorando uma plausível reconstrução, no âmbito das intensas escaramuças da Restauração com os Galegos. Outra data próxima – 1690 – consta, em silhar invertido, no seu interior. São estes os dados documentais mais antigos que consegui apurar, mas o P.º Bernardo Pintor chegou a afirmar que tinha sido visitada por D. Frei Bartolomeu dos Martires, arcebispo de Braga desde 1559 até 1581. A ser certo, recuaríamos a existência da capelinha à segunda metade do século XVI, pelo menos. Mas o criterioso investigador crastejo, contrariamente à sua prática, não refere a fonte da sua conjectura. Penso que ele terá diligenciado essa informação no, acima transcrito, Santuário Mariano de Frei Agostinho de Santa Maria, que, referindo-se a Castro Laboreiro, deixou escrito:

Igreja, erigindo a capela de invocação a Nossa Senhora, não obteve um efeito total. Reminiscências desse pagão estão bem latentes na tradição hodierna de, no dia da festividade (8 de Setembro, recentemente mudada para o primeiro domingo de Setembro), as raparigas solteiras lançarem, com a mão esquerda, uma pedra para um buraco cavado pela natureza num penedo, à margem do antigo caminho de acesso, a escassos metros da capela. Esse ritual pressagiava a passagem para o estado de casadas, ou seja, se a pedra

Santa teria sido encontrada, por algum pegureiro ou pegureira, num buraco de um penedo (seria o do ritual?) e levada à igreja matriz, mas que Ela sempre voltara ao sitio onde tinha sido encontrada. Esta teima foi interpretada como vontade de que ali se lhe levantasse a sua casa religiosa, como efectivamente veio a realizar-se. Este milagre – semelhante a tantos outros espalhados por esse país fora – já vem referido na Corografia do P.º Carvalho da Costa, editada em 1706, mas com licença de 1701:

“O Santo Arcebispo de Braga, Dom Frey Bar-  
(Continua na pág. seguinte)



(Continuação da pág. anterior)

tholomeu dos Martyres, a visitar aquela Paróquia, e *Casa de Senhora*”

Que este prelado bractense se aventurou por estas paragens não há dúvida e a ele é atribuída a fundação das paróquias de Couso e Cubalhão, desmembradas do couto do mosteiro de Paderne. Por isso, com o aval do autor do Santuário Mariano, não custa acreditar que tenha visitado Castro Laboreiro e a capela da Ananão, se considerarmos que a ela se refere a *Casa de Senhora*.

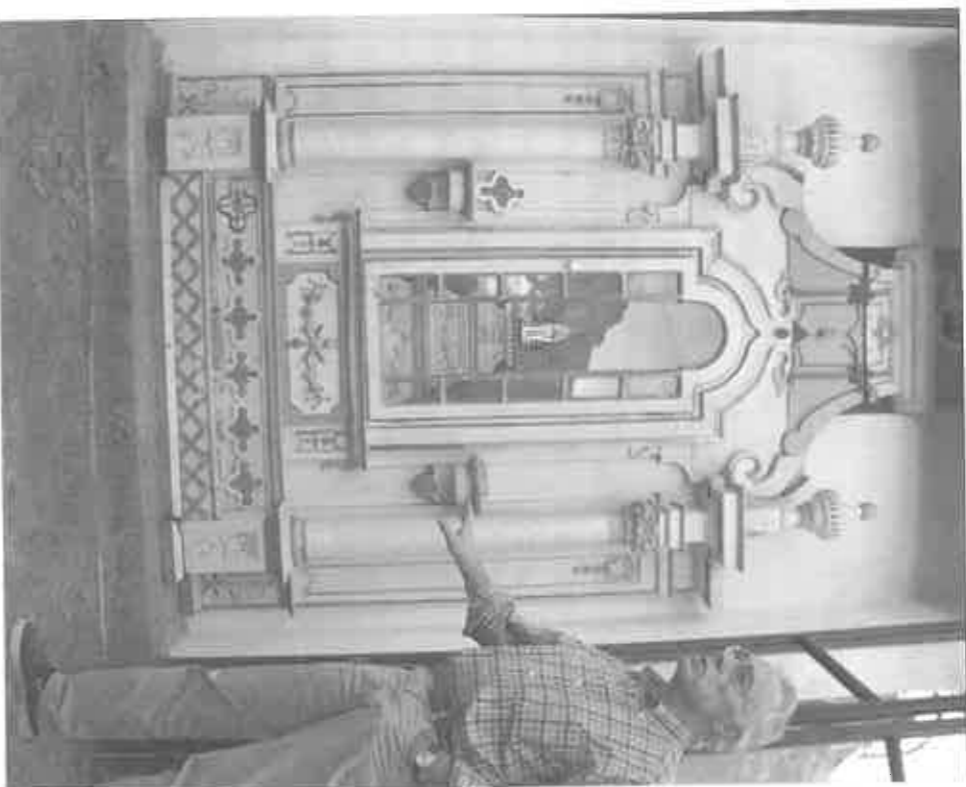
As raízes inveteradas da capela de Ananão perdem-se, assim, na neblina fria do tempo, agasalhadas, durante séculos, numa milagrosa aparição, que os testemunhos dos autores setecentistas e a voz do povo se encarregaram de tornar perdurável até ao século XXI.

Mas não é ao *milagre da aparição* que o título deste artigo se refere. O “milagre” que se pretende noticiar é bastante mais recente e não contou, propriamente, com a intervenção de qualquer força do Além. Por isso, não é um milagre, no verdadeiro sentido da palavra, mas só por “milagre” se salvou o primitivo altar em madeira pintada que, na intervenção

efectuada em, estava condenado ao desmantelamento e a servir de repasto às chamas do lume. Fatal destino, ditado pelos achagues do modernismo obtuso, a que não escaparam, nomeadamente,

anterior, o nosso douto e estimado colaborador, Manuel Domingues) etc... etc...

Talvez, um dia, retome o assunto, que merece maior cuidado e desenvolvimento, nunca para apontar o dedo



os altares setecentistas (documentalmente confirmados no tombo de 1785) da matriz de Lamas de Moura, da matriz de Castro Laboreiro, da capela de S. Bento, em Várzea Travessa (como, sobejo de fração, lamenta, no n.º

aos que, inconscientemente, cometeram essas depredações (quem pode acusar um Melchior Gonçalves por, em 1860, apear o pelourinho que tinha perdido todo seu sentido e funcionalidade?), mas antes para consciencializar

os mais cépticos da importância da defesa de todo o património construído.

De qualquer forma, hoje, existem organismos próprios e técnicos especializados para defesa do património local. Perante esses pretende o Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro reivindicar a recuperação do altar da Senhora da Ananão, que ainda é possível graças ao acto meritório do Prof. Doutor Renato Morgado, professor catedrático da Universidade do Minho. Apesar de não ser um filho de Castro Laboreiro, conquistou-lhe um afecto especial, fazendo de Entalada o local de refúgio da sua família em férias e fins-de-semana, arrancados à anarquia cidadina.

Numa das suas regulares visitas a Ananão, foi confrontado com a eminente destruição do altar-mor da ermida, sentenciado pelas obras de restauro em curso. Na impossibilidade de demonstrar os intuitos de destruição, conseguiu que (em vez de despedaçado e queimado) lhe fosse vendido pela módica quantia de 30 000\$00 (trinta mil escudos), pagos em cheque à ordem da Senhora da Ananão. Levou-o para a sua casa, em Entalada, onde lhe construiu um abrigo exterior para o acomodar, no qual

pode ser visto por qualquer pessoa, estando a proceder ao seu restauro.

Na visita que lhe fizemos (eu e o Américo) contounos, em frente ao altar, todo o processo, garantiu-nos que, em vão, o tinha tentado ceder para a freguesia, ao falecido P.º Aníbal Rodrigues, e reiterou que *o disponível zaria, de forma totalmente desinteressada, apenas com a condição de, sendo uma peça da cultura castreja, seja devidamente restaurada, conservada e tratada, e exposta em local mais apropriado, sem prejuízo de continuar a ser património da família Morgado.*

O sítio originário deste altar é na vetusta ermida da Senhora da Ananão, mas, caso assim o não entendam, pode também ser integrado no recente Museu de Castro Laboreiro. A partir daqui, e tendo em conta a boa vontade da família Morgado, aos responsáveis desse Núcleo Museológico fica a responsabilidade de contactar o seu proprietário (já que este faz questão da sua recuperação), sem esquecer o merecido reconhecimento ao Doutor Renato, para que se faça *jus à medida de Castro Laboreiro.*

José Domingues  
pequenoinfante@hotmail.com

## Subsídios para a conservação Ambiental e Valorização da Agricultura tradicional no PNPg

O Parque Nacional da Peneda-Gerês, desenvolveu um plano que engloba um conjunto de medidas baseadas no conhecimento do funcionamento e dinâmica dos sistemas agrários de produção tradicionais e no levantamento dos principais factores de ameaça a esses sistemas. Pretende-se valorizar economicamente o contributo ambiental que este tipo de agricultura tem na manutenção paisagística, ambiental e cultural. Essa valorização será feita através de duas medidas, a MEDIDA 1, que se destina ao apoio às explorações agrícolas e a MEDIDA 2, que visa apoiar a gestão integrada das áreas comunitárias, isto é, os baldios.

Na MEDIDA 1, destacamos o **Apoio às Explorações**

**Agrícolas**, a Conservação de Sementes de Populações Locais, a Conservação de Raças Autóctones, a Preservação de Estruturas de Socalecos. Uma última ajuda adicional refere-se a **Mobilização Mínima.**

A MEDIDA 2, visa apoiar a Gestão Integrada das Áreas Comunitárias, propõe-se a recuperar ou manter o potencial forrageiro das pastagens de montanha; erradicar espécies exóticas de carácter infestante, como é o caso da populamente conhecida mimosa; promover a protecção e recuperação das áreas com habitats prioritários e/ou protegidos e a biodiversidade; promover a sustentabilidade dos sistemas de pecuária extensiva tradicionais; prevenção da ocorrência

de fogos através do consumo de fitomassa combustível pelo gado/roço do mato; promover a complementaridade de usos de áreas de montanha; promoção da gestão e de Usos, em articulação com o Plano de Ordenamento do PNPg e aprovada pela Estrutura, o período contratual do Plano Zonal do Parque Nacional da Peneda-Local de Apoio; a elaboração de um Plano Estratégico de Utilização para, pelo menos Gerês (PZP-NPG) e devidamente aprovado em Assembleia de Compartes ou equiparada; a elaboração de um Regulamento de Uso e Gestão do Baldio ou equiparado aprovado em Assembleia de Compartes ou equiparada pelo menos para o período contratual do PZP-NPG;

As ajudas concedidas no âmbito da MEDIDA 1 e da MEDIDA 2 tem um período de cinco anos. Quem se quiser candidatar poderá fazê-lo em 2005 e 2006. Se o pretender fazer em 2005, os prazos para apresentação de candidatura começaram no dia 14 de Fevereiro e terminam no dia 29 de Abril. Podem-se candidatar, no caso do concelho de Melgão,

### Desejo receber\* o Jornal

Nome \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_  
Localidade \_\_\_\_\_  
C. Postal \_\_\_\_\_  
E-Mail \_\_\_\_\_ Tel. \_\_\_\_\_  
Data de Nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ País: \_\_\_\_\_  
Valor da assinatura:  Portugal 7€  Europa 10€  resto Mundo 12€

Assinatura: \_\_\_\_\_  
(\* Recorte o cupão e envie para os nossos serviços comerciais. \* Os prazos lá incluídos não são em vigor)





## Nevoiros Serranos do Mundo Fantástico e Mitológico – II

# O Lagarto de Lamas de Mouro



Continuando com o mundo fantástico das lendas, forjadas na feracidade destes montes, apresentamos hoje a que está associada à formação granítica do “Lagarto”, em Lamas de Mouro. Esta fantasia integra também a publicação das *Lendas do Vale do Minho*, no entanto, já tinha sido impressa na Voz de Melgaço, muito anos antes, pelo investigador melgacense que escrevia sob o pseudónimo MÁRIO [Em 1996 foram reunidos e publicados em livro os seus trabalhos – *O P.º Júlio Vaz apresenta: Mário*. A lenda do lagarto de Lamas consta a pp. 35-36]. Como este último não é referido pelos compiladores das *Lendas do Vale do Minho* e a similitude entre ambas é evidente, seguem as duas versões, por ordem cronológica

Ora aí vai:  
Em tempos que já lá vão havia nas imediações da Chã de Lamas um monstruoso lagarto que todos os anos vitimava pastores e romeiros que por ali passavam com destino ao Santuário de Nossa Senhora da Peneda. Certo dia, porém, aconteceu passar por ali uma pobre mulherzinha, que não se sabe

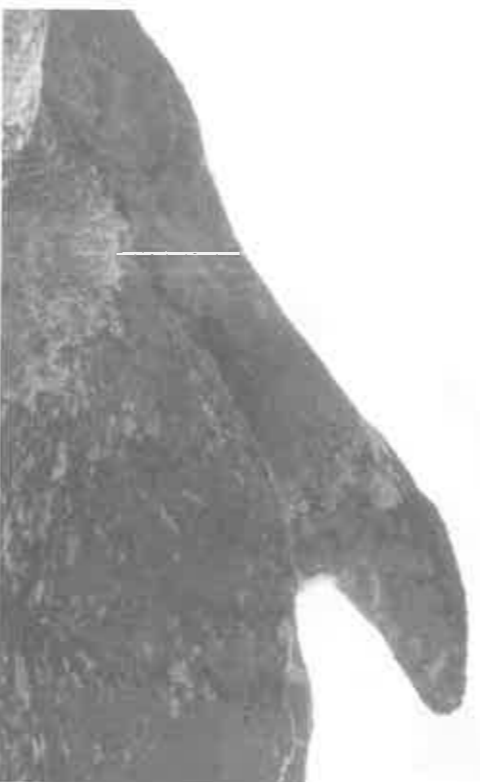
penhasco que se acha no cocuruto da montanha, do lado leste, o qual, visto cá de baixo, tem realmente a configuração tosca do repugnante e asqueroso réptil. É ponto trigonométrico e tem a cota 1206 metros, acima do nível do mar.”  
[MÁRIO – Do Alto do Pernidelo: O «Lagarto» de Lamas]

“Amigo Malaquias:

Saúde e cordas para a vivilinha é o que sinceramente te desejo; nós cá vamos trilhando esta via dolorosa semeada de espinhos e abroINHOS...

Por motivos de força maior, só hoje respondo à tua estimada carta. Desculpa o atraso.

Com respeito ao que pretendes conhecer – as lendas da nossa terra – sou a dizer-te que não sou bem a pessoa indicada para te falar do assunto. Conheço, contudo, algumas lendas e entre elas a do «Lagarto» de Lamas que tal como a ouvi *in loco*, e sem mesmo lhe acrescentar o sacramental «ponto», assim ta transmito; e fica desde já sabendo que não pagas nem um centavo por ela; pois, como muito bem sabes, eu fui sempre assim..., um autêntico mãos rotas...



bem se era devota ou pegureira, a quem o terrível sáurio acometeu. Imagina, meu Malaquias, o susto da infeliz que num supremo esforço arrancou da cintura a sua arma de defesa, isto é, uma... roca de que andava munida, e descartou regou dois tremendos golpes na «cachola» do animal, aniquilando-o completamente e transformando-o em pedra.

Crê-se que esta pobrezinha era a Virgem Nossa Senhora.  
Eis, caríssimo Malaquias, a lenda do «lagarto» tal como eu a ouvi da boca daquela boa gente serrana, há bons vinte e cinco anos.  
Até aqui a lenda; como, porém, estou com o assunto em mãos aproveite e acrescentarei que a Portela do Lagarto tira o nome daquele

“Em tempos que lá vão, nas imediações da chã de Lamas de Mouro, existia um monstruoso lagarto que affigia toda a população. O enorme réptil postava-se sobranceiro ao caminho que levava à Senhora da Peneda, e todos os que ali passavam eram engolidos pelo seu apetite voraz. Todos os anos, alguns pastores, perdigueiros, e romeiros, que por ali passavam com destino ao Santuário da Senhora, eram vítimas do feroz lagarto<sup>[1]</sup>.  
Ora ali perto, no coto da meadinha<sup>[2]</sup>, morava uma mulher que passava o tempo a fiar na roca e a assoalhar as suas meadas, aproveitandodo tão arrumado lugar ao sol. Acontece que um dia esta mulher<sup>[3]</sup>, em andanças de devota ou de pegureira, passou

Esta lenda é extremamente interessante, dado que varia entre os informantes. Tivemos informantes desde Lamas de Mouro até à Vila de Melgaço que relatam esta lenda. Enquanto os primeiros se justificam pela proximidade geográfica, os últimos conhecem-na bem na sua qualidade de antigos romeiros à Senhora da Peneda. A versão apresentada concilia a do Coto da Meadinha com a do lagarto, pois ora as encontramos unidas numa mesma lenda, ora estão separadas. Entre o Coto da Meadinha, um penedo ao lado do Santuário da Senhora da Peneda, e o Penedo do Lagarto existe uma distância considerável. Os que defendem uma mesma lenda não encontram razão para que o acontecimento relatado suponha uma proximidade geográfica. Mas se exprimem a estranheza, não chegam a negar a veracidade da lenda! Nas versões em que não se refere o Coto da Meadinha, desenvolve-se mais a resolução da luta, com a transformação do lagarto. Nestas, apesar de a identidade da figura feminina ser, durante o emredo, desconhecida (“não se sabe bem se era uma devota ou pegureira”), no fim todas afirmam ser ela Nossa Senhora. Nas versões onde entra o Coto da Meadinha, em vez de uma vaga identidade, afirma-se, consonte os informantes, duas identidades claramente definidas: a moura encantada ou N. Sra. da Peneda!

<sup>1</sup> Numa versão que insere o Coto da Meadinha na lenda, e que tem Nossa Senhora como protagonista, afirma que a Virgem Maria satisfazia a voracidade do lagarto metendo na sua boca as meadas que entretanto ia fazendo, protegendo, desta forma, os seus peregrinos.

<sup>2</sup> A versão que fala da moura encantada diz que esta estendia as meadinhas no dito penedo, estando ainda hoje lá marcadas as suas formas. Refere ainda a informante que as raparigas em romaria à Senhora da Peneda, quando ali passavam, atiravam uma pedra para cima da rocha. Caso a pedra caísse em cima, isso significava que elas casavam nesse ano. Se a pedra caísse, não havia casamento.

Convém aqui realçar o facto de Rocha Peixoto (1995, 375) fazer uma referência ao “«penedo dos casamentos»”, como o que está não muito distante do santuário da Senhora da Peneda”, e situá-lo dentro do discurso que tem sobre o «Homem da maça», da freguesia de Santa cruz do Bispo. Diz Peixoto (1995, 375): “Assim, o «homem da maça» é por ali conhecido desde tempos muito antigos e representa um indivíduo que, vindo uma vez com uma maça de maçar o linho, se viu perseguido por um bicho enorme e temeroso. Defendendo-se, lutando e invocando um santo, com a referida maça conseguiu subjugar a fera”. Diz ainda, na mesma página, Peixoto: “Efetivamente, quando em Fevereiro tem lugar a romaria de S. Brás, as raparigas, enfeitam o «homem da maça» com grinaldas de flores no pescoço e na cabeça, abraçando-o depois durante a festa ao orago e rogando-lhe que as case depressa”. Os rituais de fertilidade que aqui podemos ver, justificam as tradições orais da junção das duas lendas como as encontramos em alguns informantes. Na nossa seleção de lendas do Vale do Minho temos uma em Caminha que fala também do Penedo dos Namorados.

<sup>3</sup> As versões que não falam do coto da meadinha, referem a mulher como «uma velha».

[CAMPELO, Álvaro – Lendas do Vale do Minho, 2002, p. 65.]

José Domingues  
pequenoinfante@hotmail.com

# A Porta Poente da Igreja de S. João de Lamas de Mouro

Documentos que ficaram referidos no artigo publicado no n.º anterior:

## DOC. 1

1453, Setembro, 06 – Melgaco

*João de Melgaco, abade de Santiago de Penso, é apresentado na igreja de Lamas de Mouro, que vagara por morte de João Rokeiro.*

Braga, AD – Registo Geral, Liv. 313, fl. 121.

## Lamas de mouro

Aos seis dias do dito mês de setembro do anno sobre dito [1453] em melgaco foy anexada a igreja de sam Joham de Lamas de mouro huã persoa de Joham de melgaco abbade de Santiago de penso. E esto Juro devolluto que pertecia ao administrador Pero estevez ficando rezernado quando acontecesse vagar outra uez de apresentar a ella aquellos a que o padroado della pertencesse de direito a qual era vaga per morte de Joam Regeiro(?) que della foy ultimo abbade.

## DOC. 2

1456, Maio, 24.

*Por morte de João de Melgaco é apresentado, pela igreja de Tui, na igreja de S. João de Lamas de Mouro, Álvaro Gonçalves, abade da igreja de Rouças.*

Braga, AD – Registo Geral, Liv. 313, fl. 130v-131.

## Lamas de mouro

Aos vinte e quatro dias do mês de mayo do anno do Senhor de mill iij<sup>o</sup> Lbj foy confirmada a igreja sem cura de sam Joam de lamas de mouro a aluaro gonçallvez abbade da igreja de trouças ha apresentaçom da igreja de tuy e administrador della que em pose stam de nella apresentar a qual igreja era vaga per morte de Joham de melgaco que della foy ultimo abbade etc.

## DOC. 3

1489, Julho, 31 – Valença.

*D. Justo Balduino confirma a Lopo de Castro a igreja de S. João de Lamas de Mouro, sem cura, por apresentação da mesa pontifical, a qual ficara vaga por obitio do anterior abade, Álvaro Gonçalves.*

Braga, AD – Registo Geral, Livro 313, fl. 176v.

## Lamas de Mouro

Item o sobre dito dia pello sobre dito Senhor dom Justo foy confirmada a igreja de Sam Joam de Lamas de Mouro sem cura a Lopo de Crasto a presentaçom da mesa pontifical a quall fora vaga por morte naturall de Allvaro Gonçallvez ultimo Reitor e abade que della foy Eu Joam de Sam Domingos(?) sobre dito notario que esto fiellmente sprevy.

## DOC. 4

1522, Dezembro, 13 – Braga.

*Lopo de Castro renuncia em mãos do arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, as igrejas de Santa Maria da Porta, de Santa Maria do Campo e de S. Fagundo, na vila de Melgaco, e de S. João de Lamas de Mouro, no concelho de Valadares. Foi representado por Troilos de Araujo, que apresentou um instrumento de procuração elaborado nas notas do tabelião de Melgaco, Ciprião de Lisboa, em 9 de Dezembro de 1522.*

Braga, AD – Registo Geral, Livro 316, fl. 38v.

Braga, AD – Registo Geral, Livro 315, fl. 27.

Aos treze dias do mes de dezembro da era de mil v<sup>o</sup> xxij em ha cidade de braga nos paços arcebispaes em ha camara do spritorio estando hi ho Ilustrissimo senhor dom Diogo de Sousa arcebispo e senhor da dita cidade perante elle pareceo troilhos daraujo fidalgo da casa deltrei nosso senhor em nome e como procurador de Lopo de crasto abade de santa Maria da porta e santa Maria do campo e são fagundo sitas na villa de Melgaco e de são Jhoão de lamas de mouro sita no concelho de Valladares e por virtude de hum instrumento de procuraçom sua que dizia ser feita em ha dita villa de Melgaco aos noue dias do dito mes de Dezembro da sobre dita era por Ciprião de Lisboa tabeliam em ha dita villa e por elle asinada e seu publico sinal e testemunhas em ella nomeadas bastiam gonçallvez e Joam alvarez e Duarte alvarez e troilos de crasto e antonio rodriguez criado do dito ciprião de Lisboa renunciou pura e simplesmente em maos do dito senhor arcebispo as dias igrejas de santa Maria da porta e santa Maria do campo e o dito senhor lhe recebeo ha dita renunciaçom e prouunciou as dias igrejas por vagas estando presentes por testemunhas bertollomeu de faria licenciado e seu ouvidor e Diogo brauo seu meirinho e eu eytor de barros que ho spreui.

## DOC. 5

1523, Abril, 23 – Braga.

*O Arcebispo D. Diogo de Sousa confirmou António de Castro, clérigo de ordens menores, na igreja de Santa Maria do Campo, da vila de Melgaco, e anexou-lhe – somente em vida deste – as de Santa Maria da Porta, S. Fagundo e a metade sem cura de S. Lourenço de Prado, no concelho de Melgaco, e a de S. João de Lamas de Mouro, no condado de Valadares.*

Braga, AD – Registo Geral, Livro 316, fl. 43v-44.

Braga, AD – Registo Geral, Livro 315, fl. 31v-31v.

Aos vinte e tres dias do dito mes dabril da era de mil e quinhentos e vinte e tres em ha cidade de braga nos paços arcebispaes em a camara do spritorio estando hi ho senhor dom Diogo de Sousa arcebispo e senhor da dita cidade primas etc e sendo vagas has igrejas de santa Maria da porta e ha de santa Maria do campo e ha de são fagundo e ha metade sem cura de são Lourenço de prado sytas no concelho de Melgaco e ha de são Joam de lamas de mouro sita no condado de Valadares segundo como no proximo registro faz menção ho dito senhor arcebispo aa sua apresentação in solidum e desta sua igreja de braga confirmou ha dita igreja de santa Maria do campo a Antonio de crasto clérigo dordes menores e usando de sua pose e memoria em que que esta lhe anexou em vida do dito antonio de crasto tão somente a dita igreja de são Joam de lamas de mouro e a dita ametade de são Lourenço de prado e ha de santa Maria da porta e ha de são fagundo aa dita igreja de santa Maria do campo .a saber. a de são Joam e ha de são Lourenço e a metade de são fagundo aa sua presentaçom in solidum e ha de santa Maria da porta a metade della aa presentaçom dos juizes e officiaes da dita villa de Melgaco e ha outra ametade aa presentaçom de feães e de seu expresso consentimento fez a dita anexaçom segundo que lhe constou per hums publicos instrumentos feitos por Ciprião de Lisboa que ora serve de tabeliam na dita villa que ficam em poder de mjim spriuão e ha anexaçom da outra ametade de são fagundo fez aa presentaçom e de consentimento e expresso do prior e monges e conuento do mosteiro de são Joam de longouares segundo que lhe constou per hum publico instrumento feito per Joam Alvarez notario apostolico morador em monçom o quall outro si fica em mão de mjim spriuom e ha dita confirmaçom fez sua senhoria ao dito antónio de crasto e bem asy ha dita anexaçom em cabeça de Lopo diniz caualheiro morador em esta cidade para o caso seu bastante procurador ho quall seu procurador jurou em mãos do dito senhor has Juras e promessas acustumadas estando presentes por testemunhas Diogo Lopes de Lemos e Francisco dalmeida criados de sua senhoria e eu eytor de barros que estes spreui.

## DOC. 6

1598, Dezembro, 03 – Braga.

*O arcebispo de Braga, D. Agostinho de Jesus, confirma Pero de Castro, clérigo de ordens de evangelho, na igreja de S. João de Lamas de Mouro, a qual ele possuiu até à hora da sua morte.*

Braga, ADB – Registo Geral, Livro 318, fl. 80-81.

**Registo de confirmação da parochial igreja de São João de Lamas de Mouro a Pero de**

**Crasto**

Dom frei Agustinho de Jhesus per merçe de Deos

(Continua na pág. 12)

# Memórias Setecentistas

**1775, Setembro, 29 – Castro Laboreiro.**

*Respostas do pároco de Castro Laboreiro, Luis António de Lima, sobre os rendimentos e despesas da sua comenda, confirmadas pelos párocos de Cristóval e Lamas de Moura.*

**Braga, AD – Visitas e devassas, Liv. 724.**

## LUTUAÇÃO DO VENEFICIO DE CRASTO LABOREIRO

Luis Antonio de Lima Parocho encomendado da freguesia de Santa Maria de Crasto Laboreiro da comarca de Vallença arcebispaado de braga primas. Em comprimento a hua ordem ambulatoria do muito reverendo senhor doutor desembargador e vigario geral desta comarca, para informar sobre os rendimentos desta comenda, pe de altar e demais que nella se continha a coal receui em o dia 27 de Setembro de 1775.

Atesto e certefiquo que esta igreja he de sua natureza reitoria collada = sua apresentaçom pertence a serenissima caza de Bragança = esta mesma he padreiro e leua os frutos ou a quem faz merce = num tem dequindade, anexa, nem beneficio algum.

### Frutos incertos

Os frutos da comenda incertos renderam anualmente quinhentos mil reis ----- 500 000  
A sauer, oito centas medidas de centeio, que pella grandeza da medida falta de pam aspezeza da terra se podem reputar cada hua pello vallor de quinhentos reis ----- 500 reis  
Sanjoaneira que consta de gado grosso, meitudo, lam, mel, frangos se pode reputar em cem mil reis ----- 100 000 reis  
Frutos certos nada.

### Despesas certas

Despeza certa da mesma comenda com o reverendo reitor anualmente corenta mil reis ----- 40 000  
Com o mesmo dois alqueires de trigo para ostias e dez cabacos de vinho para galhetas e como a comenda o não tem se não compra tudo por menos de tres mill e seis centos reis ----- 03 600  
Com o reverendo padre cura em dinheiro dez mil reis ----- 10 000  
Com o mesmo vinte alqueires de centeio a preço de quinhentos reis na forma asima lutuado faz despeza de des mil reis ----- 10 000  
Com a alampeda do Santissimo Sacramento përa azeite seis mil reis ----- 06 000  
Com dois arateis de incenso para as missas conventuais, e cerra para as mesmas dois mil e coatro centos reis ----- 02 400  
Com quem laba a roupa da comenda coatro centos reis ----- 00 400  
Com o seminario de Braga mil e seis centos reis ----- 01 600

Com o reverendo tisoureiro mor de Vallença cento e oitenta reis ----- 00 180

Com dois carros de lenha para hua fogueira na manha do nascimento de Cristo e dez cabacos de vinho para reparar com os pastores dois mil e quinhentos reis ----- 02 500

### Despesa incerta

Com a conservaçã da caza em que se recolhem os frutos por ser colmada mil e seis centos reis ----- 01 600  
Soma a despeza certa oitenta e seis mil e seiscentos e oitenta reis ----- 86 680  
Soma a incerta vinte e hum mil e seis centos reis ----- 21 600

### Pe de altar

O pe de altar pertence todo ao reverendo reitor paroch = e por cauzas que nelle comcorrem se me cometeu o curatido da igreja com metade de todo o rendimento e ao certo he o seguinte.

### Rendimentos certos

Corenta mil reis da comenda ----- 40 000  
Para os dois alqueires de trigo e vinho, des cabacos, tres mil e seis centos reis ----- 03 600

### Incerto

Defuntos e anjos auera anualmente cincoenta e nove mil reis ----- 59 000  
De cazamentos = baptizados = festas = e follar sete mil e duzentos reis ----- 07 200  
Dobrada que os moradores pagam a dinheiro corenta e cinco mil reis ----- 45 000  
Soma o redito certo e incerto cento e cincoenta e coatro mil e coatro centos reis ----- 154 400

### Despesa

Despende com o seminario de Braga trezentos e sasenta e oito reis ----- 00 368  
Tem mais as missas propopullo nos domingos e dias santos que se podem reputar por noue mil reis ----- 09 000  
Tem cazas de residencia para o reverendo paroch e padre cura e nada rendem e hua terra ao pe para orta; e algum pasto de sua uesta que este poderia render mil e duzentos reis ----- 01 200  
Capella mor = sacrestia = paramentos cazas de rezidencias são consnuados com os des mil reis da fabrica e quando se precisa de obra de maior saídos frutos = como de presente se anda redeficando a capella maior = sacrestia = arematada em trezentos e cincoenta mil reis = e a renda de presente se acha arematada pella mesa da contadoria rial em quinhentos e oitenta mil reis e já tem andado em trezentos e coatro centos e seis centos librés de seus emcargos, como de presente.

Tudo escrito he o que sei e achei per informaçã que tomei a que juro aos Santos evangelhos o certo como certo e incerto debaixo de pouquo mais ou menos. Crasto Laboreiro Setembro 29 de 1775.

## O ENCOMENDADO LUIS ANTONIO DE LIMA

Pedro Jose Machado de Araujo commissario do Santo Officio formado nos sagrados canones abbade da parochial igreja de São Martinho de Christoual atesto encomo a informaçã supra vai com toda a verdade e clareza pello conhecimento e uso que tenho do dito beneficio por ficar proximo a este meu beneficio e por ser a m.<sup>a</sup> verdade atesto debaixo do m.<sup>o</sup> juramento. São Martinho de Christoual Setembro 29 de 1775.

## ABBADE PEDRO JOSE MACHADO ARAUJO

Antonio da Cunha abbade da parochial igreja de S. João Baptista de Lamas atesto que a informaçã supra vai na verdade pelo conhecimento que tenho do dito beneficio de Crasto por ser vezinho deste meu e por ser tudo o sobredito na verdade o juro in sacris. S. João Baptista de lamas 29 de Setembro de 1775.

O abbade Antonio da Cunha Alvarez

” ” ” ” ” ”

**1775, Setembro, 29 – Lamas de Moura.**

*Respostas do pároco de Lamas de Moura, António da Cunha Alvarez, sobre os rendimentos e despesas da sua igreja, confirmadas pelos párocos de Cubalhão e Castro Laboreiro.*

**Braga, AD – Visitas e devassas, Liv. 724.**

Eu Antonio da Cunha Alvarez abbade da igreja de S. João Baptista de Lamas termo de Valadares comarca de Valença vizita do tesourado mor de Valença e tambem vizita da segunda parte ordinaria atesto e juro in sacris que esta minha igreja he abbada e sua apresentaçã he da alternativa da Santa Sé Apostolica e da serenissima mitra conforme o mes em que vaga.

O redito desta igreja he o seguinte computando hum anno por outro

Tera de dizimo cem alqueires de pão que vendidos por seu preço comum a 240 rendem annualmente ----- 24 000

Tera de primicias 20 alqueires acharados e estes que seu preço he a 200 renderam cada anno ----- 04 000

Rendera o dizimo do gado grosso e meudo e tudo o mais pertencente a S. Joaneira cada hum ano ----- 09 000

Tera de obradas 20 alqueires de pão acharados que vendidos a 200 reis somão ----- 04 000

(Continua na pág. seguinte)



# Memórias Setecentistas

(Continuação da anterior)

Tera de pe do altar, anjos, baptizados, casamentos, festas, certidões ----- 00 300

Tera hum defunto cada anno que tendo posses para fazer bem da alma rendera ----- 03 800

Tera de foliar hum anno por outro ----- 02 000

Tem huã horta e hum pedacinho de terra que rendera cada anno ----- 01 000

Tem certos de foro que lhe pagão humas terras chamadas Almafalas ----- 00 200

Tem as casas da residencia que o seu uso valera cada anno ----- 01 700

Soma todo o redito ----- 40 000

## DESPESA

Tem esta freguesia duas visitas a ordinaria e a do thesourado vindo os R.R. visitantes quando he devido tem o paroco cada anno de despesa para ----- 4 000

Tem de despesa para conservar a fabrica e capela mor cada anno ----- 3 800

Para colmar as casas da residencia pois são cubertas de palha, cada anno ----- - 2 000

Para concertos annuos ----- 1 000

Pagasse ao R. thezoureiro mor cada anno ----- - 00 80

Tem mais obrigação das missas propoppulo todos os domingos e dias santos

Soma a despesa ----- 10 880

Tudo isto he na verdade e o atesto de baixo de juramento supra e não tenho mais cousa alguma que declarar, S. João Baptista de Lamas, 29 de Setembro de 1775.

## O ABBADE ANTONIO DA CUNHA ALVARES

Francisco Xavier Marques Veloso paroco da parochial igreja de Santa Maria de Cubalhão na comarca de Vallença arcebisgado primas, vezinha da sobredita de São João Baptista de Lamas de Mouru atesto e faço certo que a sobredita igreja

não tem mais rendimento algum do que o declaro pello reverendo abbate da dita igreja antes me parece muito pouco o lote em que lota os concertos annaes na quantia de mil rs. que a ficar em 2400 rs. ainda não he muito e no demais me conformo em tudo com a sua declaração que affirmo tudo in verbo sacerdotis, Santa Maria de Cubalhão, 29 de Setembro de 1775.

## O PADRE FRANCISCO XAVIER MARQUES VELLOSO

Luis Antonio de Lima paroco emcomendado da freguesia de Santa Maria de Crasto Laboreiro da comarca de Vallença arcebisgado de Braga primas certifiqno em como a informação supra vai com toda a verdade e clareza pello conhecimento e uso que tenho do sobredito benefício e ser vizinho desta o que juro de baixo de juramento dos Santos ebangellos, Castro Laboreiro, 29 de 7bro de 1775.

O encomendado Luis Antonio de Lima.

José Domingues  
[monteslaboreiro@hotmail.com](mailto:monteslaboreiro@hotmail.com)

# A Porta Poente da Igreja de S. João de Lamos de Mouru

(Continuação da pág. 10)

e da Sancta See appostolica Arcebispo e Senhor da mui Antigua Augusta nobre e sempre leal cidade de Bragua primas das hespanhas etc. a quantos esta nosa carta de prouisão confirmação e pose virem saude em Jhesus Cristo nosso Saluador fazemos saber que vaguando no mes de Setembro proximo passado a parochial igreja de São João de Lamas de mouru da comarca de Vallença deste nosso arcebisgado per falecimento de afonso de piass ultimo he inmiadiato abbade seu Reitor que della foi a mandamos por a concurso na forma do sagrado Comcillio tridentino e por não auer a ella mais opositores que pero de Crasto cleriguu de ordens davangelho natural da Villa de melguço da dita Comarqua he ser examinado pellos examinadores diputados no sinado diocesano he ser achado idoneo

he sufficiente pera da dita igreja poder ser prouido he ter feitas as mais diligencias necessarias Nos a nosa apresentação e desta nosa sancta igreja de bragua in solidum por confirmos do saber boa vida he costumes do dito pero de Crasto pella presente o instituiamos prouemos he confirmamos em abbate seu Reitor da dita igreja de São João de Lamas de mouru he o inuestimos nella per imposição de barrete que sobre sua cabeça lhe pos em nosso nome e per nosa comissão o Reuterendo doutor Belchior dias nosso prouisor cometendolhe he emcarreguandolhe a cura e regimento della no spiritual e temporal he elle o ascriptou asi he fez a profição da fee catoliqua na forma do moto proprio do papa pio quinto de boa memoria he jurou os mais juramentos costumados e comtheudos no cap. ego N de jure jurando pello que mandamos em virtude de obediencia e sob penna

de excommunhão aos fregueses cazeiros e foreiros da dita igreja de lamas de mouru ajão e tenham ao dito pero de Crasto por verdadeiro abbate he Reitor della e lhe acudão com todos os dizimos premicias foros e rendas a dita igreja pertencentes e sob a mesma penna mandamos a qualquer taballião ou notairo aprouado lhe de ou a seu procurador a posse della pellos autos costumados he lhe passem seus instrumentos em forma dada em bragua sob nosso sello he sinal do dito doutor Belchior dias nosso prouisor aos tres dias do mes de Dezembro estando presentes por testemunhas pero fernandez e Belchior dias criados do dito nosso prouisor Feliciano de Carualho Barreto escriuão da Camara da comarqua e admenistração de Vallença a fez de mill e quinhentos nouenta e outro annos.

José Domingues  
[requenoinfante@hotmail.com](mailto:requenoinfante@hotmail.com)

<p><b>TALLERES DE REPARACIONES</b></p> <p><i>Jose Benito Torres Lopez</i></p> <p>Teléfono 0034 986 434661 32960 ENTRIMO (Ourense)</p>	<p><b>M.A.F.</b></p> <p>Construção Civil</p> <p>Tel: 251 465 322 Tel: 934 957 825 936 508 183</p> <p>Curral do Gonçalo 4960 Castro Laboreiro</p>	<p><b>VB</b></p> <p><b>VALBRITO - Seguros</b></p> <p>Tel/Fax: 251 403 111 • Email: <a href="mailto:asvbrito@sapo.pt">asvbrito@sapo.pt</a> Rua José Cândido WWW <a href="http://www.valbrito.com">www</a>, Nº 62 4960-544 MELGAÇO</p>	<p><b>AGENCIA FUNERARIA JCG PIREES</b></p> <p>Auto funebre para funerais. Transi-dações em todo o país e estrangeiro</p> <p><b>Serviço Permanente</b></p> <p>A sua Agência Funerária em <b>Castro Laboreiro</b></p> <p>Tel: 251 460 020 - Tlm. 937 016 288 Vila - Castro Laboreiro - 4960 MELGAÇO</p>
---	--	--	---

# M A T A N Ç A

São 7h30 da manhã e por mais que me custe já estou acordada. Finalmente chegou o dia da matança do porco e hoje é logo na minha casa.

A matança do porco é uma tradição que já vem de longos tempos. Antigamente as pessoas criavam os porcos na casa para depois os matarem em Novembro/Dezembro.

Normalmente eram criados um ano à porta com produtos da nossa terra juntando-se perto da matança, milho (ou farinha deste) vindo da “Ribeira” por troca por outros produtos, normalmente batatas. Na maioria dos lugares, antigamente os porcos durante o dia andavam soltos nos caminhos e canjeias a fossar, estando a sua vigiância encarregue aos velhos e à “canalha”.

Actualmente, as pessoas optam por comprar os porcos já prontos a matar pois a disponibilidade para os criar em casa já não é tanta, já não “botam” tantas batatas nem há tantas couves nas hortas que eram indispensáveis para fazer a “labadura” para os porcos.



Em Portelinha a matança é um dia de festa, basta dizer o dia da matança e todos os vizinhos sem excepção aparecem para ajudar, é o que nos chamamos de “juntança”.

A conversa já vai animada e os homens já estão ansiosos por agarrar o porco e o matador já tem a faca bem afiada.

O porco é agarrado na corte pelos homens, uns seguram pelas orelhas, outro com uma corda no focinho arrastam o porco até ao carro das “bacas”. O porco ronca e guincha e debate-se quanto pode, mas não adianta



muito, pois a força dos homens de Portelinha é superior.

Já deitado no carro das “bacas” e bem seguro é hora do matador entrar em serviço. Com um golpe certeiro espeta a enorme faca direitinha no coração do porco. O esguicho do sangue é grande mas há que aproveitar e por isso já está uma mulher pronta com um balde para apanhar o sangue que vai ser muito útil depois. O porco guincha, guincha e acaba por morrer: “Pronto este já este, que venha o outro!” diz alguém.

Vejo gente a mexer-se por todo o lado. Embora ninguém tenha estipulado as tarefas cada um sabe exactamente aquilo que tem a fazer.

Com os dois porcos já mortos e ainda em cima do carro é tempo de os “chamuscas”. Com um pouco de palha vão-se queimando os pelos rígidos dos porcos. Enquanto uns “chamuscam”, outros, neste caso as mulheres, vão varrendo os porcos com uma vassoura de urzeira para ir tirando as faldas. Depois de chamuscados, é preciso lava-los, os homens pegam nas pedras para os esfregar e as mulheres nos baldes de água para os ir lavando. Aquela cor preta do chamuscado sai e já nem parecem os mesmos porcos.

Embora tente, não consigo acompanhar a conversa, oiço apenas algumas frases: “ba, as bides já estão feitas?”, “som uns bos porcos!”, “é preciso

dependura-los pra começar abrir.” (As “bides” são umas pequenas aberturas nas pernas traseiras para os pendurar).

Depois de já estarem pendurados há que os abrir para tirar as tripas. Com a faca bem afiada basta um corte para já se verem as tripas. As mulheres apressam-se a ocupar os seus lugares pois é agora que começa realmente o trabalho delas.

Com ajuda das mãos tiram-se as tripas para fora e põem-se numas bacias que logo são levadas para uma mesa onde estão as mulheres prontas para as esfilar preparando as para as ir lavar à corga. É aqui que se separa o fígado e o “reduselo” (com o qual se vai fazer o pingo e os rojões de pingo). Depois de abertos os porcos ficam pendurados até ao dia seguinte para arrefecerem. Aqui acaba o trabalho dos homens que logo se apressam a ir “tomar a copa” na casa do dono dos porcos. Esta também é uma tradição que já vem de muito longe.

Na corga, para lavar as tripas cada mulher tem a sua tarefa. É preciso começar por cortá-las, depois lavam-se muito bem. O próximo passo é vira-las com o “pau de virar tripas”, antes era com o pau da roca, e em seguida esfiam-se com ajuda de uma giesta. Enquanto isso, outras esfolam o bucho e viram as mais grossas com as mãos.

Chegadas da corga as mulheres ven arrefecidas, mas em casa há um lume bem grande

para se aquecerem e tomarem um chocolate quente ou uma copa de vinho quinado e um pedacinho de bolo e “jantar” ao matador.

A tradição remete-nos para que nesse dia, as pessoas para as quais se matavam os porcos “mimassem” um pouquinho os vizinhos em tom de agradecimento por isso se oferecia a copa aos homens e o chocolate quente ou vinho quinado às mulheres.

Por hoje o trabalho acaba. Mas, a tradição manda que neste dia se façam as filhoses com o sangue que se aproveitou.

No dia seguinte, é preciso começar por desfazer os porcos separando a carne que vai para salgar ou seja, os presuntos, as mãos e a as cabeças normalmente, (embora algumas pessoas também salguem barrigas).

A azáfama é grande. Salgam-se os presuntos esfregando-os bem com cebola e água e depois tapando-os bem com bastante sal. Posto isto é tempo de “pitar” a carne para fazer a “sorça limpa e a “sorça suja” que vai ficar a repousar durante cerca de 4 dias e depois é que se

enchem os chouriços e as chouriças e se põe “afumar”.

Chegada a noite é hora de preparar a “figadeira” e leva-las aquelas parentes e amigos mais próximos principalmente aqueles com mais necessidades. Esta “figadeira normalmente é constituída por um pedacinho de fígado, umas filhoses e um pedacinho de carne.

No tempo dos nossos avós, o dia da matança era aguardado com muita ansiedade pois era os porcos que iam trazer um pouco mais de fartura as casas castrejas. E essa fartura tinha de chegar pelo menos até altura da próxima matança. É por isso que os pratos típicos castrejos baseiam-se sobretudo na carne de porco e seus derivados.

Hoje em dia a matança acontece muitas vezes só para manter a tradição e ainda bem que assim é pois é uma forma de manter a união dos vizinhos além de nos proporcionar coisas muito boas e únicas como o presunto e o chouriço de Castro Laboreiro que pode ser comparado com os melhores.

*Sandra Rodrigues*  
(Portelinha)



# ESPAÇOS RITUAIS NA FREGUESIA DE CASTRO LABOREIRO

Fai tempo que uma estrutura de pedra chamaba a mi atencóm cando recorria a estrada que dende a Ameijoeira me leva-ba a Castro Laboreiro, era diferente a todas ás do entorno, tinha algo especial, parece que encerraba um certo misterio.

No mes de Julho do ano 2004, na companhia de Zé e de Américo vecinhos de Lamas de Mouro e de Castro Laboreiro decidimos ir a visitala, a medida que nos íbamos achegando, incrementaba-se a nosa curiosidade e asombro, aí empezaron as dúbidas e posibles hipótesis, é dicir se aquelas pedras tam ben postas umas acima das outra era obra da natureza ou tinha intervido a maó do homem, é difícil de determinar se é una cousa ou outra, ou as duas a vez, o que si é certo, é que o resultado é una obra maestra, de equilibrio, estrutura, dinamismo e simbiose, que rompe e a vez integra o entorno no que se asenta.

Para os geólogos, posiblemente seja una magna solidificada hai millóns de anos pulida por o paso do tempo, e que deu lugar a esa forma caprichosa da natureza.

Para este humilde sociólogo, é um símbolo com muito significado, que intenta descifrar, interpretar e relacionalo cos monumentos funerarios e lugares de concentración, de oraçom e sacrificio do entorno. O passo do tempo a escasas fontes documentais, obriga-nos a agudizar a nosa imaginacóm, que como di o professor Pin Arboledas, é uma das potencias máis im-

portantes da investigacóm. Esta imaginacóm vai-nos permitir avanzar, razonar, crear saber e consolidar o conhecimento deste campo ritual, tan rico, intenso, socializador, regulador e determinante do comportamento societario destas comunidades pre-castrejas.

O planalto de Castro Laboreiro, está estudado em quanto o megalitismo, por expertos mui qualificados, é dicir, centram o seu interese na morte e o seu ritual e culto, onde abundan os trabalhos descriptivos.

Dos nossos antepassados, sabemos que enterraban no alto, eso está perfectamente documentado, trataba-se de gente cum profundo culto a morte. Esta realidade, leva-nos a primeira hipótesis da dualidade vida-morte, que tem que estar relacionada cum terceira dimensóm post-mortem, que hai despois da morte, de non ser assim nom se prepararia tanto o ritual de paso da vida a morte.

É necesario desandar o tempo, e intentar encontrar o ritual dos diferentes ritos

de paso de vida, (nacemento, nenez-puberdade, puberdade-adolescencia, adolescencia-fertilidade, madurez-anciano, anciano-morte), que com seguridade essas comunidades celebraban de forma comunitaria.

Todo este continuum de vida, enlazaba co ritual de morte e ca posible creencia do que habia máis alá da

sacalos da situacóm estática na que se encontram, abri novos caminhos de investigacóm e por suposto nom temo a equivocarse.

Afortunadamente, temos rastros moi valiosos que nos encaminhan a esos rituais de vida, de morte e de post mortem, tales como:

– A toponimia: altar dos cabróns nos montes do Gerés a uns quantos quilómetros de Castro Laboreiro.

– Espacios de encontro no entorno como o de Anamao, hoje cristianizado numa pequena capela, no que se desenvolve un rito de paso vivo na memoria das persoas do entorno e dos romeiros que facían o caminho da Peneda, que é o paso da solteria o matrimonio, trata-se dum ritual de género, desenvolvido por a mulher.

Este ritual desdobra-se em duas partes interrelacionadas entre sí:

a) – una psicológica, na que a moza tem que pensar no homem que deseja para casar con él.

b) – e a outra física, que añaanza o pensamento, para esso tem que tirar una pe-



quena pedra o interior do furado do alto do penedo, e que ésta nom caia o chao, para fazer efectivo o desexo de casar co homem elegido mentalmente.

– Monumentos, noutros pontos da geografia galego-portuguesa, tales coma Panoias ou Colares.

– Rochas similares, que está acreditado que eram altares de sacrificio, como O Penedo das Fatigas en Baltar, estudado por Conde-Valvís e Julio Medela entre outros.

– Diademas, coa súa decoracóm de círculos concéntricos, figuras geométricas, líneas, puntos, vales, picos, mesetas, raias, punteado, tan similares as representacóns das gravuras dos dólmens primitivos. Podemos supor que estamos ante un arte narrativo que evolucionou dum arte figurativo. A través do estudo das diademas e cinturóns encontrados, debemos de desandar o tempo e interpretar o seu significado.

Para o estudo do monumento da Ameijoeira, de momento centramo-nos en duas partes separadas por un pequeno caminho, que o meu entender, tem relacóm entre sí, onde posiblemente se desenvolvían os ritos de paso de inicio, adolescencia-fertilidade, votivos ou mesmo de agradecemento, assim:

a) – o culto de fertilidade, rito de paso ou mesmo de inicio, o máis seguro é que se desvelo-ve-se en

(Continua na pág. seguinte)

<p><b>Restaurante O Laboreiro</b></p> <p>Trata-se de un restaurante tradicional de Lamas de Mouro, situado na zona do antigo castro. Ofrece unha variedade de pratos tradicionais e modernos, preparados con produtos locais de alta calidade.</p> <p><b>O seu Restaurante</b></p>	<p><b>Esso</b></p> <p><b>PETRO LAMAS</b></p> <p>Entrega ao domicilio de Castelleiro para os seguintes enderezos:</p> <p>Vila/Pedra: 2 Lamas de Mouro</p> <p>Teléfono: 9 456 244 4960-170 Melgaço</p>	<p><b>CAFÉ ALTO MINHO</b></p> <p><b>TÁXI PERMANENTE</b></p> <p>DE ARRANQUIDA DE FÁTIMA FERREIRAS E ARRANQUIDO MONTEIRO</p> <p>Teléfono: 261 488 133 (casa) Teléfono: 986 404 31 (carro) Teléfono: 936 286 322</p> <p>VILA - CASTRO LABOREIRO 4960 MELGAÇO</p>	<p><b>Melgaço</b></p> <p>Rua Fonte dos Arrendidos, 762 Matamude 4430-099 VILA NOVA DE GAIA</p>
--	--	---	--



# Cão de Castro Laboreiro – “a cor-do-monte” Pelagem em vias de extinção (continuação)

5º Genéticamente o Cão de Castro Laboreiro apresenta uma pelagem “Brindle”.

É a presença da pigmentação que origina a pigmentação escura e a consequente pelagem preta. Esta é uma pigmentação dominante sobre a pigmentação Brindle, mas por sua vez a pigmentação Brindle é dominante sobre as outras pigmentações ou seja sobre as outras pelagens á excepção do preto.

O locus é o Ebr este alelo suprime e ou mascara a expressão e distribuição da eumelanina, pigmentação negra.

A cor “Brindle” pode variar entre “Brindle”claro e “Brindle”escuro.

Nestas pelagens lobeirras há interacção entre vários génes sendo por isso um complexo conjunto de influências, produzindo uma

imprevisível e surpreendente expressão genica no fenótipo do animal, ocasionando complexos e vistosos padrões de pelagens.

Quadro 1 # pag.116

Cor	Genótipo
Preto	As - Ebr
Brindle	Ay - Ebr
Brindle escuro	Asa - Ebr
Preto e Brindle	Atat - Ebr

A cor-do-monte é uma pelagem actualmente em extinção, altamente ameaçada assim como a sua função de outrora. Longe das modas e das preferências dos circuitos/concursos de beleza, é reveladora também do desinteresse e da perda do gosto e do orgulho Castrejo. A “velha” cor-do-monte

surge assim em raros sobreviventes e resistentes geralmente em exemplares de idade avançada, em locais muito dispersos e raramente valorizada pelos seus proprietários.

É urgente adquirir a consciência do contexto e das tradições em que o Cão de Castro Laboreiro evoluiu.

A cor-do-monte revela um equilíbrio cromático entre a flora existente e os Montes Laboreiro ao longo das estações do ano, proporcionando ao Cão de Castro Laboreiro uma camuflagem doméstica equivalente ao seu irmão selvagem e comum a outros animais selvagens destas paragens.

A complexa e harmoniosa sinfonia colorações e tonalidades presentes na cor-do-monte do Cão de Castro Laboreiro foram fruto da

sabedoria e funcionalidade da mãe natureza aprovada pelos autóctones.

A magnífica pelagem cor-do-monte é sem dúvida um ex-libris de beleza e de adaptabilidade cromática e genética ao meio ambiente. É por alguns considerado como uma característica de qualidade étnica, de tradição e de elite Castreja.

A selecção dos cachorros durante séculos foi feita pelo tamanho e pelas cores vistosas, ou seja pela sua funcionalidade.

As pelagens do Cão de Castro Laboreiro são de uma beleza selvagem pouco vista em animais domésticos.

Antigamente o maior número de exemplares tinha cor do monte, depois vinha o lobeiro claro, o lobeiro escuro era o menos representado.

\* Fruto do entendimento

e esclarecimento com os autóctones de Castro Laboreiro.

Nota: Raça entende-se como uma sub-população duma população global do género *Canis*.

## Referencias:

- Castro Laboreiro Livestock Guardian Dog Web Site <http://www.geocities.com/mor-07231/index0.htm>
- Pelagens do Cão de Castro Laboreiro, Publicação da AAC-CCL, 1995
- Canine Genetics, Cornell University 1997 and 1999
- # Robinson, Roy. Genetics for dog Breeders. Pergamon Press 1990
- Estalão da Raça do Cão de Castro Laboreiro. Livro Português de Origens (LOP), Clube dos Caçadores Portugueses 1935

*Pedro Santa Rita.*

# ESPACIOS RITUAIS NA FREGUESIA DE CASTRO LABOREIRO

(Continuação da pág. anterior)

torno a estrutura de capas superpostas de pedras de gran tamanho que van buscando a forma cilíndrica para acabar case en punta. Intenta imitar a un gran falo (fertilidad masculina), que arrancada das entranhas da terra para ir buscando algo nas alturas. Este monumento está feito com pedras de gran tamaño na base, e vai-se completando con outras de menor volumen, ate encontrar uma forma cónica de considerabel altura. Nessa estrutura, ve-se, que ten una parte fixa, pero o remate bem podía ser movibel, quere dicer que se podía incrementar altura o rebaixar a mesma dependendo do momento do rito, así como se faciam peticións para o incremento de algo, tal como calor, chuva, ou nacementos, era posible que a parte alta

fosse incrementada a base de anhadir pedras miúdas, e cando esta petición era cumprida e nom deixa-ba de chover había que solicitar o cese da auga, a melhor forma era sacar-lhe altura o símbolo fálico. A lógica leva a pensar que cando solicitaban chuva o falo tinha uma altura considerabel, así que cando que-remos que deixe de chover, retirase esa altura. Este ritual, bem podía ser desenvolvido por o género masculino.

b). – ritual de ofenda e sacrificio, posiblemente era desenvolvido, na pedra alta en forma de mesa de altar que se encontra a escasos metros do símbolo fálico. Nesta pedra, em concreto na súa superficie plana, podense identificar uns canalinhos os seus lados, por onde debía de verter o sangue do sacrificio para poder recollelo

e utilizado no ritual para purificarse, marcar limites ou ben pintando-se con él para diferenciarse. Por a súa forma aplanada, semelha um ritual máis feminino, esta hipótesis é a que nos leva a esa posible división por género neste altar dúplice de ritual que o meu entender encerra este monumento.

Moitas som as preguntas que nos podemos fazer, algumas delas irán tendo resposta, o que si parece e que encontramos de momento dous lugares en concreto nos que se faciam ritos de paso de vida, um é o penedo da Arnejioeira e outro a pena de Anamao. Encanto os enteramentos uma das reflexións que temos que fazer é que debido a súa abundancia, posiblemente vinheram a enterrar de pontos moi distantes, esta circunstancia segue viva na

memoria popular nos enteramentos do Viso no vecinho concelho de Lobeira, en que dim que o Viso vinham a enterrar dende máis ala de Celanova, esta hipótesis pode dar resposta a abundancia de enterramentos do planalto de Castro Laboreiro, pois por a súa población nom é posible que nos quedaram tantas motas. Hai una creencia de que antes de que se cristianizase o caminho de Santiago, a gente vinha do oriente en busca do occidente, hoje em día é moi común que despois de chegar a Santiago os peregrinos reanudem o caminho e chegam a Fisterra, o planalto de Castro Laboreiro é último antes de chegar o mar,

a pregunta que nos queda é: ¿traeriam os seus mortos tamém en busca do occidente? ¿por qué? e ¿para qué?. Na Galiza em Sam Andrés de Teixido inda hoje existe a

creencia que vai de morto o que nom foi de vivo, ¿pode enlazar esta creencia cos enterramentos do planalto de Castro Laboreiro?

Eu animo a: atreverse, buscar, encontrar, describir, asociar, comparar, imaginar, interpretar, razonar, romper velhos paradigmas, partir de cero se é necesario, e mover-se, porque esto é o que fai avanzar o coñecemento; e nom esquezamos que a ciencia de hoje vem pode ser a mentira de manhá.

Somos uns afortunados o contar con este espacio Castrejo, que é um monumento natural em si mesmo, máxico e sorprendente, um auténtico tesouro. O mesmo tempo sinto mágoa daqueles que nom tem a sensibilidade necesaria para sorprender-se o contemplalo.

*Manuel Rivero Perez.*

Ficha Técnica

Propriedade

Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro

Direcção

José Domingues  
Américo Rodrigues

Direcção Comercial

Paulo Azevedo  
Sérgio Domingues

Colaboram

nesta edição

Manuel Domingues  
Pedro Santa Rita  
Sandra Rodrigues

Impressão

Humberto  
Artes Gráficas, Lda.  
Rua do Freixo, 643  
4300-215 PORTO

Deposito Legal  
N.º 206591/04

Contactos

À redacção de:  
Porto dos Cavaleiros  
4960-061  
Castro Laboreiro

portocavaleiros@hotmail.com



seria muito parecido ao actual urso das Astúrias, o seu derradeiro refúgio ibérico. A toponímia também guarda alguns testemunhos e ainda subsistem raras *silhas* que nos recordam a sua secular presença.

Fr. Bernardo de Brito, em 1597, na sua Geografia Antiga da Lusitânia, ainda o refere entre outras espécies selvagens das montanhas do norte de Portugal. Curiosamente, a extinção deste nobre animal selvagem e da sua raça, em Portugal, ficou registado em documentação coetânea. Foi na serra do Gerês, no sítio da *Queilha da Ursa*, que, em 1650, foi abatido o último exemplar desta espécie.

E eis que agora surge uma notícia de um urso morto em Padrenda, mesmo em frente à freguesia de Fiães, nos limites da raia. Jesus Taboada, no seu trabalho sobre "*Monteria y Corrida de Lobos en Galicia*" também dá conta deste invulgar acontecimento, mas atribui-lhe a data de 1948 e falta-lhe a exuberância de informações proficuas deste periódico local.

Manifestando o nossa espanto pelo surgimento de um urso nesta zona, quando é sobejamente sabido que tinha sido definitivamente banido em meados do século XVII, Francisco Álvares, experimentado biólogo do Grupo Lobo, em conversa informal,

revelou-nos que a explicação mais plausível seria a de tratar-se de um urso extraviado.

Em jeito de encerramento, há poucos meses o Presidente de França fez um comunicado oficial por causa da morte de um dos últimos ursos autóctones (espécie altamente protegida) na zona dos Alpes franceses. Cada vez se torna mais impetuoso a defesa de espécies selvagens ameaçadas. Em proveito do urso e outros espécimes extintos já nada se pode fazer, mas existem outras, que persistem nestas montanhas, correndo sérios riscos de desaparecimento. Se pretendemos que as gerações futuras se não limitem, à semelhança desta nota, a rebuscar referências perdidas em estantes de biblioteca, temos que nos consciencializar da sua importância e deixa-los sobreviver em paz, no silêncio da sua Montanha.

El último ejemplar

La muerte del último ejemplar de oso en Galicia fue relatada así por *El Pueblo Gallego*, en su edición del 17 de junio de 1946. Los hechos sucedieron en la provincia de Ourense.

Osoes en Concorrea. Un labrador hecho valientemente contra uno de ellos, que pudo ser muerto al fin. Premio del Gobernador.

Ayer a mediodía, la casualidad nos ha deparado la oportunidad de celebrar una entrevista con un valeroso labrador, que el día antes había sucumbido una lucha frente a frente con un oso, sin otra arma que una horquilla de las que usa en sus habituales faenas agrícolas. Se llama Camilo Elvira González y tiene treinta y dos años. Vive en el pueblo de Concorrea con su esposa. Es de mediana estatura, esguizo, y su semblante acusa un temple que puso de relieve al luchar con un oso que machucaba por aquellos contornos.

Concorrea es un paraje que pertenece a la frontera por la zona, pertenece al Ayuntamiento de Padrenda y dista un poco más de medio kilómetro de Fuente Berne, donde se alza la aldea de aquella zona. Se decía que había en aquellos contornos tres osos y aunque pocos personas lo creían, lo cierto es que el rumor se extendió. Uno de estos osos fue visto el martes a la mañana, y varios labradores de la comarca fueron hacia el lugar donde se decía que estaba. Uno de ellos, Camilo Elvira González, se tiraba a dos años, se acercó con la fiereza que es característica de un salto, aprehendió el brazo buscando a la altura del codo, con sus poderosas fauces. En media hora volvió la horquilla, con la que intentó apresar a la fiereza. Esta y su potencia fueron rotundamente vencidas en una lucha épica.

En aquel momento, que ha sido de vergüenza propia, un machucado de una fiera se alza que se llama Rogián, se acercó al oso, y con un golpe de linterna le dio un golpe en la columna vertebral, lo que le produjo la semi-inmovilidad. Llegando poco después otros labradores y un guardia civil del puesto fronterizo, que le hizo dos disparos, inutilizables.

Camilo Elvira fue condecorado oficialmente al honrarlo de Mérito, en Portugal, donde le dieron sus pláticas de mérito en el Reino y anterior.

Cuando de los labradores que pertenecen al caso resultó con 1 kilogramo de una chivita. Se llama Manuel Elvira Vallejo, y ocupará el puesto al salir una línea.

El valeroso labrador fue premiado por el gobernador civil de la provincia, don Vicente Malvar Calvo. Aquí quedaban, más en Ourense en que durante de años nadie se ha oído más cosas. O este ejemplar visto de Dios así. ¿Vender? Nunca he sabido.

Voltaremos aos ursos noutra oportunidade.

Núcleo de Estudos e pesquisa dos Montes Laboreiro



monteslaboreiro@hotmail.com



LIGAÇÕES PARA GÁS NATURAL - REPARAÇÕES E ASSISTÊNCIA  
SISTEMAS DE AQUECIMENTO - APARELHOS A GÁS  
ESTUDOS E PROJECTOS - REDES DE GÁS

RUA DOS SAPATELOS, Nº 46-A  
S. VICTOR - 4710-441 BRAGA  
TEL. 253 257 777 / FAX. 253 257 776

**Miradouro do Castelo**  
Restaurante Churrasqueira  
www.miradourodocastelo.com

Actividades de Lazer Turismo Rural  
Vila - 4960/061 Castro Laboreiro  
Tel/Fax: 251 465 469 Telem: 939 579 439

**HOTEL TURISMO BRAGA \*\*\*\*\* HOTEL CARANDÁ \*\*\***  
NO CENTRO DA CIDADE DE BRAGA

Reservas: Tef.: 253 206 000 \* Fax.: 253 206 010  
www.hotelтуриsmobraga.com \* www.hotelcarandá.com